

OS LIVROS POPULARES PORTUGUEZES

(FOLHAS-VOLANTES OU LITTERATURA DE CORDEL)

III.—DOS LIVROS POPULARES PORTUGUEZES NO SEculo XVIII

A litteratura popular apresenta-nos no seculo XVIII um phenomeno de revivescencia importante; não só se conservam no gosto do povo os velhos auctores das folhas volantes, Gil Vicente, Affonso Alvares, Balthazar Dias, Gomes de Santo Estevam e Gonçalo Fernandes Trancoso, como tambem novos escriptores surgem dotados d'esse segredo magico de se fazerem ouvir pela alma ingenua da multidão: taes são pela sua ordem Antonio José da Silva, Alexandre Antonio de Lima, Diogo da Costa, José Daniel, Antonio Xavier e Jeronymo Moreira de Carvalho. Alguns dos velhos Autos que se liam desde o seculo XVI em hespanhol, como o *Roberto el Diablo*, prohibido no Index de 1581, e o *Auto ou Historia de Theodora, donzella*, prohibido no Index Expurgatorio de 1624, foram novamente traduzidos, como para acabar a sua perfeita assimilação popular. Em 1733 publicou Jeronymo Moreira de Carvalho a folha volante com o titulo «*Historia do grande Roberto, duque de Normandia e Emperador de Roma, em que se trata da sua conceição, nascimento e depravada vida, por onde mereceu ser chamado Roberto do Diabo, e do seu grande arrependimento e prodigiosa penitencia. . .*» Em 1735 Carlos Ferreira Lisbonense satisfaz a curiosidade publica traduzindo, como Moreira, a *Historia da Donzella Theodora*, seguindo-se-lhe em 1745 o *Acto do Certamen politico da Donzella Theodora*, que suppomos original portuguez.

Assim como alguns livros populares francezes, como a *Formosa Magalona*, nos vieram por via de Hespanha, repetiu-se esse mesmo itinerario com relação á *Historia de Carlos Magno*, traduzida por Jeronymo Moreira de Carvalho da redacção castelhana de Nicoláo de Piamonte. Este livro, que é ainda hoje o mais lido e reprodu-

zido em Portugal, foi pela primeira vez publicado em Sevilha em 1525, quarenta annos depois da publicação do seu original francez que se intitula *Conquêtes du grand Charlemagne*¹. O titulo d'esta primeira edição é «*Carlo Magno. Hystoria de emperador Carlo Magno, y de los Doze Pares de Francia: e de la cruda batalla que uvo Oliveros con Fierabras Rey de Alexandria, hijo del grande Almirante Balan*. Sevilha, impressa por Jacob Comberger, a 24 de abril de 1525.» Existem outras edições de Sevilha de 1528, 1534, 1547, 1548 e 1549; a edição de 1570 traz um prologo interessantissimo, onde não só se allude ás fontes francezas da novella, como tambem ao auctor da versão: «Por ende, yo, *Nicolas de Piamonte*, propongo de trasladar la dicha escriptura de lenguaje francez en romance castellano, sin discrepar, nin añadir, ni quitar cosa alguna de la escriptura franceza.»² Segundo Gaston Paris, que conhece admiravelmente o valor poetico das Gestas carolinas, apesar do favor que este livro encontrou na península, considera-o máo³, não tendo influencia na litteratura.

A *Historia de Carlos Magno* foi conhecida desde muito tempo em Portugal, reimprimindo-se em Lisboa, por Domingos Fonseca em 1615, em folio de trinta folhas a duas columnas, e em Coimbra em 1732, em in-8.º A traducção de Jeronymo Moreira de Carvalho, comprehende duas partes, a primeira impressa em Lisboa, em 1728, e a segunda em 1737, segundo a auctoridade de Innocencio. No prologo da edição de Nicoláo de Piamonte, de 1570, diz-se que a obra é dividida em *tres livros*; Jeronymo Moreira misturou na sua segunda parte as ficções de Boiardo e Ariosto com o syncretismo das Gestas, desviando-se da obra hespanhola. Em 1745 appareceu uma *Verdadeira terceira parte da Historia de Carlos Magno, em que se escrevem as gloriosas acções e victorias de Bernardo del Carpio, e de como venceu em batalha aos Doze Pares de França*, escripta por Alexandre Caetano Gomes Flaviense, presbytero do habito de S. Pedro, graduado nos sagrados Canones, protonotario apostolico e natural da praça de Chaves. Estas tres partes andam em dois volumes in-8.º pequeno da impressão de Simão Thadeu Ferreira, e com a erudição pedante das chronicas hespanholas misturada com as ficções italianas; a parte de Caetano Gomes é a mais disparatada: «Para servir de divertimento e diversão do somno nas compridas noites de inverno» é que elle comprehendeu a «copia resumida das grandes acções de Bernardo del Carpio» conser-

¹ Gaston Paris, *Histoire poétique de Charlemagne*, p. 214.

² Reproduzido nas Adições e Notas da trad. de Tickanor, *Hist. de la Litteratura españ.*, t. 1, p. 524.

³ *Op. cit.*, p. 215.

vando apenas o nome de Carlos Magno no titulo da obra, e começando pela historia da criação *ab ovo*. Como a obra grande não podia chegar a todos, fez-se um resumo em folha volante intitulada «*Historia nova do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França; contém a grande batalha que teve com Malco, rei de Fez a qual venceu Reinaldos de Montalvão, e dos muitos trabalhos que este padeceu por traição de Galalão, sendo sempre leal, constante na Fé, e melhor dos doze Pares, Lisboa, 1789.*» A historia mais volumosa era conhecida pelo nome de Carlos Magno commentado, e o resumo era extraído dos *Nove da Fama*. Nicoláo Tolentino, nas suas salgadas quintilhas, refere-se á leitura predilecta do nosso povo:

Iremos vêr no outro lado
Onde acaso os olhos puz
Em quarto-grande estampado
Saiu novamente á luz
Carlos Magno commentado 1.

Á irresistivel tendencia para o gosto picaresco não escapou o cyclo de Carlos Magno, apparecendo uma folha volante da *Vida do façanhoso Roldão*, em duzentas e onze quadras, tratando os seus feitos como trampolinicos de vagabundo². Do cyclo de Carlos tambem saiu um Auto popular, mas que não chegou a vulgarisar-se, pertencendo á immensa collecção das comedias de cordel.

Em um folheto de 1732 intitulado *Escudo apolegetico contra-posto aos golpes do descuido critico*, se acha uma importante enumeração dos principaes opusculos que no principio do seculo xviii constituíam a litteratura de cordel ou os livros populares portuguezes: «Aqui se acham o *Auto e Colloquio do Nascimento*, o *Auto de Santo Aleixo*, o *Auto de Santo Antonio*, o *Auto de Santa Barbara*, o *Auto de Santa Catherina*, o *Auto de Santa Maria Egiptiaca*, o *Auto ou Vida de S. João de Deus*, o *Auto do Dia do Juizo*, o *Auto da Barca*, o *Auto do Fidalgo aprendiz*, o *Auto das Padeiras*, o *Auto do Cazeiro d'Alvalade*, o *Auto da segunda Barca*, o *Conselho para bem casar*, o *Pranto de Maria Parda*, o *Infante D. Pedro*, o *de D. Duardos*, o *Tratado dos Passos*, o *Lazarillo de Tormes*, os *Avisos contra os Enganos*, a *Pratica de tres Compadres*, o *Tratado das Lições da Espada preta*, as *Trovas da Menina formosa*, a *Magalona*, o *Marquez de Mantua*, ou *Valdevinos*, a *Emperatriz Porcina*, a *Malicia das Mulheres*, o *Terremoto de Roma*, a *Ousadia do menino morto*, o *Novo Auto da Barca*, o *Auto da fortaleza*, e outras curiosidades.» Eram estes os folhetos que se ven-

¹ Ed. das *Obras* de Tolentino, por J. de Torres, p. 239.

² É de 1790. Vimol-o na *Bibliotheca do Porto*.

diam pendurados em barbante pelas paredes do Loreto¹. Todos estes livros de cordel são conhecidissimos, e alguns d'elles, dos principaes escriptores portuguezes do seculo XVI e XVII, ainda se conservam no gosto do povo.

É do meado do seculo XVIII, o folheto da *Padeira de Aljubarrota*, tradição da historia nacional accommodada ao gosto do vulgo por Diogo da Costa; segundo Barbosa Machado, este nome é supposto, e Innocencio por um antigo catalogo de livros que consultou na Academia das Sciencias, diz que era um mestre de grammatica chamado André da Luz; o folheto publicado em Lisboa, em 1743, intitula-se *Auto novo e curioso da Forneira de Aljubarrota, em que se contem a vida e façanhas d'esta gloriosa matrona*. O Auto é uma relação alambicada e conceituosa, mas ainda assim as edições para o povo repetem-se;² esta tradição nacional foi tambem tratada em um poemeto em cinco cantos (61 pag. in-8.º pequeno oblongo) pelo consul portuguez em Hamburgo em 1806 José Anselmo Corrêa Henriques. O povo ama as lendas e sanctificações locais; pertencem a este genero o Auto de S. João de Deus, com o titulo: *Gloria de Monte-Mór, ventura de Granada, em S. João de Deus*—de Luiz da Rocha, senhor de Thomar. Lisboa, 1754; e a farça do *Abbate João*, de Francisco de Pina e Mello, que annualmente se representava em Monte-Mór-o-Velho. Este velho Auto ficou inedito, e sabemos da sua existencia por João Pedro Ribeiro, que diz: «representava-se annualmente a farça (do *Abbate João*), que dizem ter sido composta pelo celebre Pina, do seculo passado, natural da mesma villa.»³ Muitos Autos conservados tradicionalmente alteraram-se na linguagem, como o que começa: *Herodes, monarcha angústio*, etc. Alexandre Antonio de Lima, da Academia dos Occultos, escreveu n'este estylo cartas e versos, bastante curiosos, conhecido pelo nome de *giria alfamista*.

As tradições nacionaes deviam constituir o thema dos livros populares, se os nossos escriptores comprehendessem a sua missão; as fórmulas rhetoricas e o pedantismo erudito tirava ás suas relações a simplicidade ingenua que lhe daria a vulgarisação. A *Padeira de Aljubarrota* apresenta estes defeitos, mas subsiste; a tradição dos Doze de Inglaterra ficou ignorada do povo. Em 1732 publicou Ignacio Rodrigues Védouro uma folha volante imitando as fórmulas de chronica com o titulo: *Desafio dos Doze de Inglaterra, que na côrte de Londres se combateram em desagravo das Damas*

¹ Vid. este opusculo na collecção de *Papeis Varios*, da Academia das Sciencias, t. 65.

² Possuimos a edição do Porto de 1856 (N.º 20 da Livraria do Povo).

³ *Dissertações chronologicas*, t. IV, P. II, p. 28.

inglezas . . . » ¹ Depois das *Partidas do Infante D. Pedro* seria este um assumpto da sympathia popular; o folheto ficou esquecido por causa da sua fôrma pedantesca, e a primitiva relação do seculo xv vista por Faria e Sousa ficou inedita e perdeu-se. Sobre a existencia de uma pequena *Chronica dos Doze de Inglaterra* é cathgorica a affirmação de Faria e Sousa: «Yo quando no huviera visto *un papel antiguo d'este successo* le tuviera por verdadero forçosamente . . .» (*Comment. dos Lus.*, canto vi, est. 43).

Existiu em Lisboa por 1749 uma associação de Cegos com character de irmandade religiosa, a qual tinha o privilegio da venda exclusiva das Folhinhas, Historias, Relações, Reportorios, Comedias portuguezas e castelhanas, Autos e Livros usados; intitulava-se Irmandade do Menino Jesus dos Homens Cegos, sita na igreja parochial de S. Jorge em Lisboa, e depois na igreja parochial de S. Martinho. D. João v deu uma Provisão, de 7 de janeiro de 1749, estabelecendo os privilegios da irmandade e nomeando-lhe um juiz conservador, e comminando a multa de 60\$000 réis, metade para os captivos e metade para a confraria, a todos aquelles que violassem o privilegio dos Cegos. O prologo que precede a Previsão é interessante:

«Dom Joam etc, Senhor de Guiné, etc. Faço saber que o Juiz e mais officiaes da Mesa da Irmandade do Menino Jesus dos Homens Cegos, sita na Parochial Igreja de Sam Jorge d'esta cidade, me representaram por sua petição que elles tinham o seu compromisso e accrescentamento approved por mim e pelo Ordinario, como se mostrava pelo instrumento que juntavam, do qual se mostrava as penas que impunha áquelles cegos, que, sem serem Irmãos da dita Irmandade resassem pelas portas ou vendessem papeis avulsos, como tambem aos de vista; e para melhor augmentarem a dita Irmandade, pois o não podiam fazer senão das esmolas que lhes davam os devotos que os mandavam resar, e dos papeis que vendiam, porque dos mesmos Irmãos haviam muitos, que não só por si vendiam papeis e livros, que lhes era permittido o venderem, mas os mandavam vender por seus moços, e em tendas que tinham por sua conta, no que lhes causavam grande prejuiso, e para o evitarem recorriam a mim para ordenar que um dos Corregedores do Civel da Côrte fizesse ir á sua presença os Irmãos, que pela Mesa dos Supplicantes lhe fossem nomeados, e tambem os de vista que costumavam vender pelas ruas, ou em tendas do Terreiro do Paço, e lhes fizesse a todos assignar termo, e aos Cegos de não venderem papel algum senão em uma só parte, e que

¹ Bibliotheca da Academia das Sciencias: E. 463—26.

sendo em mais o não poderem fazer sem primeiro o requererem á Mesa dos Supplicantes, e lhes serem impostas as penas do Compromisso, e que o Corregedor nomeado as fizesse executar todas as vezes que pela Mesa lhe fosse requerido, sem que fossem ouvidos em cousa alguma, e que os de vista não podessem vender papel algum dos que pertenciam aos Supplicantes, e isto se entenderia sómente n'este Patriarchado, e não em mais parte alguma, e repugnando algum, fosse preso. Pedindo-me lhe fizesse Mercê mandar passar ordem na fôrma sobredita.»¹

Nas folhas volantes do seculo XVIII acham-se bastantes annuncios das tendas dos cegos; reproduzimos algumas linhas que vem na comedia o *Viajante*: «Na mão de Romão José, homem cego, na esquina da casa dos Padres de S. Domingos, no Rocio, voltando para a praça da Figueira, se acharão as comedias seguintes...» E n'outros folhetos: «Casa de Joaquim de Pina, Mercador de Livros, assistente nas Casas dos Religiosos de S. Domingos com a frente para o Rocio, na escada n.º 3.» Por ventura era *um de vista*, que pertencia á Irmandade dos Homens Cegos; os livreiros das folhas volantes andaram sempre em lucta com os cegos: «Ainda em 1820 houve Resolução do Desembargo do Paço, mantendo os Privilegios da Irmandade do Menino Jesus dos Homens Cegos, que sempre *foi muito favorecida dos senhores reis d'estes reinos*, como diz a consulta.»² As Escadas do antigo Hospital de Todos os Santos, o Loreto, e a arcada do norte do Terreiro do Paço eram as principaes tendas dos Cegos, onde estavam os folhetos, como diz Tolentino, e tambem a cavallo n'um barbante.

Tolentino criticando um escriptor de folhas volantes, na sua satyra do *Velho*, descreve o typo do cego andante, o propagador da litteratura de cordel:

Enfastiados freguezes
Juram que este auctor é louco;
O Cego grita seis mezes;
E á noite, raivoso e rouco,
Conta os mesmos entremezes³.

Pela Previsão de 7 de janeiro de 1749, se vê que os Cegos pediam o privilegio de só poderem resar pelas portas os que pertencessem á Irmandade do Menino Jesus. As Orações populares são um rico capitulo d'esta litteratura de cordel, e embora prohibidas

¹ Reproduzido do *Summario de Varia Historia*, t. iv, p. 38, do Dr. Ribeiro Guimarães.

² Dr. Ribeiro Guimarães, *Ibidem*.

³ *Obras*, p. 264.

em todos os Indices Expurgatorios, ainda no seculo XVIII eram uma boa fonte de receita, como diz Filinto Elysio, fallando das regateiras que ouviam «a Paixão, que na quaresma lhe iam cantar os Cegos por doze vintens.» (*Obras*, t. III, p. 130.) No Entremez dos *Cegos enganados* citam-se differentes Orações:

1.º Cego : Mandem-me resar, senhores,
A Oração de Santo Anselmo,

2.º Cego : E a mim mandem-me resar
A do Santo Nicodemus.

1.º Cego : Mandem-me, mandem-me resar
A de Sam Bartholomeu,
Que tem por uma cadéa
Todos os demonios presos.

2.º Cego : Ha quem me mande resar
Da Virgem Santa os *Mysterios*,
E tudo mais que a Cartilha
Nos manda resar aos Cegos.

(*Musa entretenida*).

É esta uma das partes mais vivas da poesia tradicional, e como especimen das mais puras é a *Obra da criação* colligida de um mendigo portuguez no Rio de Janeiro. Existem bastantes folhas volantes com Cantigas devotas a S. João, S. Pedro, S. Gonçalo de Amarante, que se vendiam e recitavam por occasião das festas populares d'estes Santos, entre os quaes era S. Martinho um dos mais picarescos por ser o patrono da confraria dos bebados.

As Folhas volantes tornaram-se quasi exclusivamente litterarias, pelos assumptos palacianos e particulares que os poetas tratavam; são numerosas as collecções de folhetos em verso e prosa impressos por occasião da morte da princeza D. Francisca Benedicta, por occasião da subida da *Passaróla* do padre Lourenço de Gusmão, pela morte de D. João V, pela Elevação da Estatua Equestre, pela morte do principe D. José, pelo nascimento do principe D. Antonio, etc. Estes folhetos não penetraram no povo, que continuou lendo as antigas obras dos seus poetas favoritos, Gil Vicente, Balthazar Dias, Affonso Alvares, D. Francisco Manuel, Francisco Lopes, e admittindo com difficuldade as composições que lhe apresentavam á sombra da caridade dos cegos.

Para explorarem a vulgarisação dos folhetos, os livreiros reproduziram algumas composições litterarias sem destino popular, mascarando-as com o nome de Auto ou de Historia; assim appareceram em folha volante as outavas do quinhentista Antonio Ferreira a *Santa Comba dos Valles*, com o titulo: *A Formosura do*

Campo. A Flor peregrina dos montes. Historia de Santa Comba dos Valles. Com o titulo de *Auto das Lagrimas de S. Pedro*, publicaram-se em folha volante umas outras outavas de Diogo Bernardes; o livreiro Francisco Luiz Ameno publicou com o titulo de *Auto dos Novissimos do Homem* uns versos endecasyllabos soltos de Jeronymo Côrte-Real, com diminuto valor poetico; finalmente com o titulo de *Auto de Adão* appareceu um resumo popular em prosa por José da Cunha Brochado dos factos da creação segundo o *Genesis*.

Nem sómente nos versos de Filinto Elysió encontramos a prova da popularidade da *Ecloga de Albano e Damiana*, de João Xavier de Mattos; na comedia de cordel *Os curiosos punidos*, diz um personagem: «eu aprendi de còr em dois dias e meio a *Ecloga de Albano e Damiana*, e a repetia a umas visinhas da escada, com tal graça, que todas diziam: a rapariga é o demonio.» Em Filinto se lê: «Como tambem n'outra éra, depois (tinha eu trinta por quarenta annos) saberem as regateiras de còr as oitavas da *Ecloga de Albano e Damiana* . . .» (*Ob.*, t. III, p. 130.) Tendo Filinto nascido em 1734, a epoca em que algumas obras litterarias entraram na corrente do gosto popular deve fixar-se aproximadamente por 1769.

De um catalogo dos folhetos que se vendiam em 1783 no logar de João Henriques, no principio da rua Augusta, encontramos citados os seguintes folhetos, que formam a melhor parte da litteratura de cordel da ultima metade do seculo:

Historia nova de João de Calais, dos grandes trabalhos que padeceu e a fortuna que teve depois.—*Historia da Imperatriz Porcina, mulher do Imperador de Roma, e suas virtudes e trabalhos.*—*Historia da Princeza Magalona, e seus amores e trabalhos.*—*Historia de Roberto do Diabo, que depois mereceu por sua penitencia ser chamado Roberto de Deus.*—*Historia do Marquez de Mantua, que conta a morte que elle fez dar ao filho do Imperador Carlos Magno.*—*Historia verdadeira acontecida no Algarve a D. Pedro e D. Francisca.*—*Historia de Reinaldos de Montalvão, um dos Doze Pares de França.*—*Livro do Infante D. Pedro de Portugal, que correu as sete partidas do mundo.*—*Vida e famosas acções do celebre Cosme Manhoso, 3 partes.*—*Autos de Santo Aleixo, Santa Genoveva, Santa Catherina, do Dia do Juizo, da Paixão, de Jesu Christo, de Santa Barbara, e todas as qualidades de Comedias e Entremezes. Astucias subtilissimas de Bertoldo.* Por este mesmo catalogo se nota que a influencia hespanhola começava a ser substituida pela influencia franceza, como se vê pela versão dos Contos de Voltaire e das comedias de Molière; porém de tantos folhetos só entraram no gosto popular formando parte da litteratura de cordel o *Cosme Manhoso*, as historias de *Bertoldo*, *Bertoldinho* e *Cacasseno*, a historia de *João de Calais*, e os *Tres Corcovados de Setubal*.

Depois d'estas obras entraram ainda na corrente da leitura popular o *Auto de Santo Antonio* e a farça de *Manuel Mendes Enxundia* por Antonio Xavier Ferreira de Azevedo; contra ellas protestava a indole biliosa e cheia de inveja do padre José Agostinho de Macedo, como contra as comedias de Nicoláo Luiz protestára, até certo ponto com rasão, o erudito Manuel de Figueiredo. As obras de outro escriptor popular José Daniel Rodrigues da Costa, taes como o *Piolho Viajante*, *Almocreve das Petas* e *Barca da carreira dos tolos* foram bastante lidas, mas não entraram na corrente da vulgarisação.

Apesar da sua origem estrangeira, os typos de *Bertoldo*, *Bertoldinho* e *Cacasseno* tornaram-se proverbias entre o povo portuguez; elles pertencem a essa genealogia de lôrpas com relampagos de bom senso, que vêm desde Esopo até Sancho Pansa; o povo conhece-os e ama-os. A fórmula de dialogo, como os de Marculfo e Salomão, é sancionada pela tradição da idade media; o nome de *Bertoldo* tem suas analogias com o nome ou typó popular do velho anexam francez: «Il est bon que *Berthol* boive, si la bouteille est sienne» colligido por Gomès de Trier no *Jardin de Récréation*, do seculo xvi¹. Foi no fim do seculo xvi, que o escriptor popular bolonhez Giulio Cesare Croce escreveu as *Astucias de Bertoldo*, na fórmula com que se vulgarisaram em francez, allemão, hespanhol, portuguez e grego moderno. Importa conhecer alguma cousa da personalidade de Croce; nasceu em Perficeto em 1550 e morreu em 1620. A sua profissão de cantor ambulante dava-lhe um conhecimento profundo da alma popular, na sua ingenuidade, graça, e desconfiança. As obras de Croce acham-se colligidas em quatro volumes (1598, 1617). A importancia que a Italia ligou sempre aos seus dialectos, fez com que alguns escriptores bolonhezes se aproveitassem d'este thema popular de Croce, compondo um grande poema sobre Bertholdo, Bertoldino e Cacasseno, em verso heroico, e com notas e magnificas estampas; cooperaram n'este poema os dois Zanotti, Barufaldi, Zampieri e outros, commentando a obra Giovanandrea Barotti juntamente com outros, acompanhando-a com o retrato do creador Croce. A publicação d'este poema não deixou de influir na vulgarisação do thema primitivo, e os exemplares d'esta edição luxuosa que temos visto em Portugal, não foram extranhos ao conhecimento d'este cyclo de facecias italianas. As edições portuguezas trazem no frontespicio «traduzida do idioma italiano em portuguez;» de facto os titulos coincidem com os originaes como os vemos citados em Brunet e no catalogo La Valière:

¹ *Livre des Proverbes français*, de Leroux de Lincy, t. II, p. 29. Ed. 1842.

Astutie sottilissime di Bertoldo, dove si scorge un Villano, accorto e sagace, il quale dopó vari e strani accidenti á lui intervenuti, alla fine per il suo raro et acuto ingegno vien fatto huomo di corte e regio consigliere, opera nova e di grandissimo gusto, di Giulio Cesare Croce, con figure... 1620. A esta facecia seguiu-se-lhe uma outra, que se acha em volume junta com a primeira (Vid Catalogo La Valière, n.º 10:667) com o titulo: *Le piacevoli e ridiculose simplicitá di Bertoldino, figlivo del già astuto e accorto Bertoldo con le sottile ed argute sentenze della Marcolfa, sua madre... 1620, in-12.* A estas duas facecias seguiu-se uma terceira parte, ajuntada por Camillo Scaligero, intitulada as *Aventuras de Cacasseno*; na versão portugueza intitula-se *Vida de Cacasseno, filho do simples Bertoldinho, neto do astuto e sagaz Bertoldo*¹. As referencias mais antigas que conhecemos d'estas tres facecias italianas são de 1783; são ainda os folhetos mais lidos pelas nossas aldéas².

A *Historia de João de Calais* é um dos folhetos mais apetecidos pelo nosso povo; foi escripto originariamente em francez por madame Gomez (Magdalena Angelica Poisson, filha do celebre actor Paulo Poisson) e casada com um hespanhol D. Gabriel Gomez por quem se apaixonára; o hespanhol apresentára-se como fidalgo, naddando em riquezas, e Madame Gomez achou-se diante da realidade de uma profunda miseria, recorrendo ao labor da sua penna para subsistir e sustentar o marido. Esta vida da auctora de *João de Calais* já é um curioso romance; madame Gomez lançou-se a escrever comedias, tragedias, novellas, contos, romances sentimentalistas, orientaes, allegoricos, historicos, emfim em todos os generos, fazendo reviver o estylo de Scudery e de Calprenède. As suas obras formam dezenas de volumes, chegando algumas das suas tragedias a terem grandes successos como *Habis*, tragedia em verso em cinco actos representada em 1714, e alguns dos seus contos a adquirirem o maximo da vulgarisação, isto é, a formarem parte da *Bibliothèque bleu*, como leitura predilecta do povo francez. O pequeno conto de *João de Calais* faz parte de uma vasta collecção intitulada *Cem Novellas Novas*, (8 vol. Paris, 1735-1758) e d'ái saiu para a collecção d'Epinal, e para a *Bibliothèque bleu* de Desöer. Este pequeno conto, um pouco alambicado, tem alguns traços que o deviam tornar popular; funda-se sobre as luctas contra os piratas argelinos e nas aventuras maritimas das ilhas incognitas, conhecidas em França pela relação de Bettencourt. A vulgarisação de *João de Calais* em Portugal explica-se não só pelo mesmo

¹ Livraria popular, n.º 33. Porto, 1857.

² Sobre Croce e as facecias de Bertholdo. Vide Brunet.

interesse das relações de aventuras dos captivos pelos piratas, mas especialmente porque a parte principal da historia se passa em Portugal; João de Calais salva duas damas captivas dos piratas, e uma d'ellas, Constança, com quem casa, é filha do rei de Portugal; e quando um dia veiu a Lisboa, como trazia o retrato de sua mulher na camara do navio, o rei veiu a conhecer que era o de sua filha, soube que estava viva e depois de varios incidentes declarou-o principe e herdeiro do throno portuguez. O traductor da *Historia de João de Calais* alterou esta feição da redacção de Madame Gomez, substituindo o porto de Lisboa e o reino de Portugal pelo porto de Palermo no reino de Sicilia; o principe D. João, rival de João de Calais, é tambem substituido pelo principe Florimundo. Outras alterações existem que tornam o caracter de João de Calais mais extraordinario, e em geral a traducção portugueza é totalmente paraphrastica. Existem duas redacções francezas, a de Epinal, que Charles Nizard considera como mais sensata, e mais abreviada do texto original, e a edição de Paris (1849, in-12, de 36 pag.) que traz a declaração de «*revue et corrigée par un académicien*» e é mais digressiva, affectada «estragada por uma affectação de estylo poetico incompativel com a vulgaridade do assumpto.»¹ A lição portugueza, embora derivada da fonte mais pura, tambem soffreu por causa da redundancia rhetorica do traductor paraphrasta. O folheto continúa a ser lido, e as edições succedem-se; pertence á classe d'aquelles opusculos de que os livreiros dizem: «Vende-se como canella.» Visto que conhecemos já a auctora do *João de Calais*, resta terminar-lhe a sua biographia; viuva do hidalgo Gomez passou a segundas nupcias com um tal Bonhomme, fallecendo em 1770².

III *A Historia jocosa dos tres Corcovados de Setubal, Lucrecio, Flavio e Juliano, onde se escreve a equivocação graciosa de suas vidas*, é um dos contos populares portuguezes com raizes tradicionaes bem profundas;³ na *Bibliothèque bleue* é conhecido com o titulo de *Histoire des trois Bossus de Besançon*, d'onde parece ter-se derivado immediatamente para a versão portugueza. Este conto oriental acha-se introduzido na corrente litteraria nas *Notte piacevoli* de Streparole (Nott. v, fab. 3.) com o seguinte summario: «*Berthaud de Valsable teve tres filhos, todos tres corcundas e de uma mesma feição, um dos quaes se chamou Jambon e foi pelo mundo á busca da sua ventura; e tendo chegada a Roma foi morto e lançado no Tibre com outros dois seus irmãos.*» Loiseleur des Longchamps

¹ *Histoire des Livres populaires*, t. II, p. 411.

² *Nouvelle Biographie generale*, de Hoeffer, t. XXI, p. 161.

³ Temos á vista a edição do Porto, de 1857 (Livraria do Povo n.º 22).

analysa as origens orientaes d'esta tradição nas *Parabolas de Sendarab*, na *Historia dos Sete Sabios*, e apresenta um conto resumido do hebraico por Mr. Pichard semelhante á historia dos tres corcovados ¹. A tradição oriental foi versificada pelos troveiros francezes, no fabliau de Durand, do seculo XIII, intitulado *Les trois Bossus*, e no fabliau de Hugues Pianeèle, *Estourmi*. Da corrente franceza passou para a Italia, e da redacção de Streparole para os *Contos tartaros* de Gueulette; apesar de determinado um grande numero de paradigmas ainda não estão estudadas as origens mythicas d'este conto universal. A redacção portugueza traz a declaração «*escripta por um curioso lisbonense*,» e é de tal fórma amplificada e cheia de contrasensos, que só o sabor tradicional do conto é que o podia tornar popular.

A *Vida e formosas Acções do celebre Cosme Manhoso, em que se relata a sua ambição, trabalhos, miserias e logros em que caiu*, é uma semsaborona relação de um gallego sordido e lorpa, tal como se encontra representado nas comedias de cordel do seculo XVIII. Não tem o minimo vislumbre de valor artistico, e tende a ser esquecida ².

Muitas das obras das litteraturas peninsulares versam sobre a situação vulgar mas sempre interessante dos captivos christãos em Argel, Fez ou Marrocos; as composições mais bellas de Espinel, Cervantes, Mattos Fragoso, emfim as novellas, os livros ou pliegos sueltos, os romances tradicionaes fazem vibrar o sentimento com as continuas historias dos captivos raptados pelos piratas nas costas de Portugal e de Hespanha. Esta situação era mantida pelo systema clerical, que pela sua influencia no governo de Hespanha e de Portugal, não consentia que se fizessem contractos diplomaticos para salvaguardar as costas maritimas dos dois paizes, por isso que julgavam indigno de governos catholicos entrarem em contracto com os inimigos da Fé. Foi no governo de Carlos III, animado pelo espirito francez, que os interesses clericales foram submettidos aos interesses da nação, e em 1782 Floridablanca fez um tratado com a Turquia, d'onde resultou o termo das guerras de religião entre esses dois estados; em 1784 effectuou-se a paz de Tripoli, em 1785 com Argel, e em 1786 com Tunis. Foi assim que acabou a tremenda pirataria do Mediterraneo, e que as ricas povoações do litoral começaram outra vez a serem habitadas, pela segurança de que não seriam mais investidas. D'esta fórma deixou de funcionar a ordem religiosa dos Trinitarios, que se estabele-

¹ *Essai sur les Fables indiennes*, p. 157, nota.

² Livraria popular, n.º 21. Porto, 1857.

cera para tratar exclusivamente da redempção dos captivos; e por seu turno acabou a Arca da Piedade, para onde convergiam as multas judiciais e as apprehensões fiscaes destinadas a essa remissão. Durante muitos seculos, a pirataria do Mediterraneo foi uma fonte de receita para os estados maurescos, e um motivo de popularidade para o clericalismo que alimentava essa espinha na desorganisação economica de Portugal e de Hespanha¹. Bastou um simples acto de bom senso pratico para acabar com essa perturbação social permanente. O folheto popular da *Historia de D. Francisca do Algarve*, representa na litteratura popular portugueza esta propaganda sentimental, que se reflectia em adhesão ao obcecado clericalismo.

Depois dos catalogos de 1731 e de 1783, por onde vimos quaes eram os principaes folhetos da litteratura de cordel, resta-nos apresentar o catalogo da *Livraria popular* do Porto, de 1863, por onde se verá a persistencia de certos escriptos dos tres seculos anteriores, na epoca actual:

Auto da vida e milagres de Santo Antonio de Padua;—*Auto da muito dolorosa Paixão de N. S. Jesus Christo*;—*Auto do Dia de Juizo*;—*Auto de Santo Aleixo, filho de Eugenio, Senhor de Roma*;—*Auto de Santa Catherina*;—*Auto de Santa Genoveva, princeza de Barbante*;—*Auto de Santa Barbora*;—*Auto novo e curioso da Padeira de Aljubarrota, por Diogo da Costa*;—*Astucias subtilissimas de Bertoldo, vilão de agudo engenho e sagacidade*;—*Confissão geral do Marujo Vicente*;—*Historia do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França*;—*Historia do Grande Roberto, Duque de Normandia e Imperador de Roma*;—*Historia da Imperatriz Porcina, mulher do Imperador Lodonio de Roma*;—*Historia da princeza Magalona, filha de el-rei de Napoles e do nobre e valoroso cavalleiro Pierre, Pedro de Provença*;—*Historia da Donzella Theodora, em que se trata da sua grande formosura e sabedoria*;—*Historia verdadeira acontecida no reino do Algarve*;—*Historia de João de Calais*;—*Historia jocosa dos tres Corcovados de Setubal, Lucrecio, Flavio e Juliano*;—*Livro do Infante D. Pedro, o qual andou as sete partidas do mundo*².

No meio d'esta lista classica acham-se citados outros folhetos modernos, traduzidos ou macaqueados sem intelligencia, como *Secretarios de amantes*, *Linguagem das flôres*, *Diabo com botas*, e outras cousas que o povo regeita, e a que não dá a consagração dos

¹ Buckle, *Historia da Civilisação em Inglaterra*; cap. 1 do tomo II: *A civilisação em Hespanha*.

² Lê-se na capa do n.º 6 da *Livraria popular*: *Historia curiosa da Vida do Conde de Castella*, Porto, 1863, in-4.º

seus risos e das suas lagrimas. Este genero de litteratura tem andado abandonado á especulação insciente dos livreiros; e os escriptores que possuem ainda a veia de Antonio José ou de José Daniel, fazem romances de brasileiros para a burguezia ou reclamos de touradas. É de crêr que a litteratura de cordel ficará circumscrip-ta a esses velhos folhetos, porque o povo já procura orientar-se com os acontecimentos do dia; e n'este caso já é tempo de colligir em uma edição critica esses ingenuos documentos da vida moral do povo portuguez.

Garrett com a sua grande intuição artistica não se pejou de lêr os *Livros populares portuguezes*, e foi assim que descobriu a belleza poetica do *Marquez de Mantua*, de Balthazar Dias, introduzindo-o no seu *Romanceiro*: «Eil-o que se apêa de seu classico barbante em que tantos annos cavalgou, e despindo o papel-pardo em que o embrulhavam os cegos e vendilhões de nossas feiras, vem o nobre *Marquez de Mantua* tomar o seu lugar entre os mais venerandos e antigos romances do cyclo de Carlos Magno. Sua nobre origem bem sabida é e bem manifesta: franceza ou provençal. Sem profundar nenhuma d'estas questões contento-me de sacar do lixo da Feira da Ladra esta bella reliquia da nossa litteratura popular e romanesca, e de restituir ao seu eminente lugar o nobre Marquez de Mantua, embora me criminem e escarneçam os superciliosos academicos de todas as academias reaes e não reaes d'este mundo.»¹ Garrett protestaria mais eloquentemente ainda se com o seu grande tino artistico organisasse a litteratura dos *Livros populares portuguezes*. Sómente em 1865 é que encetámos a primeira tentativa para este trabalho em um pequeno artigo intitulado *Da Litteratura de cordel*², sendo impossivel até hoje obter os meios typographicos para darmos uma edição critica e tão necessaria d'esta parte da Litteratura portugueza. Importa aqui distinguir entre a obra que pertence á litteratura popular e os folhetos varios, explorados pela venda ambulante; estes formam outro grupo, taes como as Noticias, as Relações, as Folhinhas, os Anuncios e Cartazes, cuja importancia é bibliographica e accidentalmente historica. Alguns livros como o *Thezouro de Prudentes*, o *Lunario perpetuo*, e hoje o *Manual encyclopedico* chegaram a ter uma grande vulgarisação, contendo todo o saber dos discretos que se destacam do povo, mas esses livros já nem o valor têm da ingenua e maravilhosa sciencia da idade media conservando ainda muitas das suas fórmas.

THEOPHILO BRAGA.

¹ *Romanceiro*, t. III, p. 193. Ed. 1851.

² Vid. *Jornal do Commercio*, de Lisboa.

AS REVOLUÇÕES SOCIAES

NOS SECULOS I E XIX DA ERA VULGAR

A humanidade no seu progredir incessante e no seu aperfeiçoamento illimitado atravessa épocas de crise, em que se acham em conflicto as formulas atrazadas de um gráo de desenvolvimento com as necessidades e aspirações de um novo estado de cousas tendente a solidificar-se. Huxley, comparando estas crises ás mudas periodicas da lagarta, definiu admiravelmente as transformações sociaes porque passa a humanidade. De todas as grandes crises da sociedade humana a que melhor conhecemos pelos documentos historicos, que nos ficaram, não fallando da crise actual, que verdadeiramente ainda não terminou, é aquella em que se deu a dissolução do polytheismo e a formação de uma nova doutrina religiosa para o substituir no dominio das consciencias e da imaginação popular. Foi o christianismo a religião que teve origem n'esta profunda e longa crise dos espiritos, quando Roma chegara ao auge das suas conquistas e fizera a unidade do mundo.

Actualmente encontramos-nos em situação identica a essa. O christianismo chegou ao ultimo gráo de dissolução e uma nova ordem de crenças agita o espirito publico em todas as nações civilisadas. Dá-se uma crise intellectual, moral e social, como aquella foi. É preciso que se considere attentamente a crise que atravessamos e que se procure dar-lhe uma direcção consciente, evitando todos os desvios, todos os erros, todas as vacillações prejudiciaes ao gradual e pacifico desenvolvimento das sociedades modernas no sentido do maior progresso.

O criterio historico e philosophico deverá ser a nossa bussola no meio da transformação geral. O estudo das sciencias não é uma curiosidade vã e futil de saber, mas o unico meio de conseguirmos aproveitar em nosso favor as leis naturaes, as forças physicas e todas as propriedades da materia; das sciencias tiramos tambem

a philosophia precisa para nos conformarmos com a ordem natural das cousas e para nos submettermos ao determinismo dos phenomenos por fórma a não nos encontrarmos em conflicto com as leis da natureza. A sciencia social, como as demais sciencias, têm por fim a previsão dos acontecimentos para se concorrer para o bem estar da humanidade. O bello aforismo de Augusto Comte: «Savoir c'est prévoir afin de pouvoir», applica-se a todas as sciencias indistinctamente. Por isso é grande a missão da historia, como já o comprehendia Cervantes quando a definia no seu immortal *Don Quijote* como: «emula do tempo, deposito das acções, testemunho do passado, exemplo e aviso do presente, advertencia do porvir.»

Estas observações foram-nos suscitadas pela leitura rapida do primeiro capitulo do *Tableau d'une histoire sociale de l'Église*, por Victor Arnould, em publicação na magnifica revista de *La Philosophie positive*. As revoluções sociaes do primeiro seculo da nossa era fizeram-nos lembrar as profundas transformações do seculo actual e levaram-nos a approximal-as, procurando tirar d'aquellas toda a luz que nos possa servir para guiar o nosso espirito na solução da crise que atravessamos. É o que vamos tratar nas breves e despertenciosas linhas que se seguem.

I

Roma, engrandecendo-se pelo regimen republicano, depois da plebe romana triumphar dos patricios, fizera-se conquistadora e submetera todo o mundo conhecido, do Oceano até ao Euphrates e dos Alpes até além do Mediterraneo, até Carthago e até ao Egypto. Todas as velhas civilizações orientaes prestavam homenagem ao senado romano. Era este o senhor do mundo. Mas á proporção que os exercitos de Roma sujeitavam os outros povos, as civilizações adiantadas do Oriente exerciam poderosa influencia sobre o povo romano. Parte d'este, a antiga plebe, era um corpo de pequenos proprietarios, sujeitos a todas as eventualidades e que facilmente caiam na miseria. Abaixo da plebe havia os escravos, que augmentavam constantemente com as successivas conquistas dos romanos. Uma troca estabelecia-se entre a Italia e as provincias, diz Michelet; a Italia enviava seus filhos para morrerem em paizes affastados e em compensação recebia milhões de escravos. Bem depressa os filhos dos libertos tornaram-se senhores de Roma, eram o principal elemento do povo romano. O estado social da republica romana aggravava-se com a decadencia da plebe; esta fizera-se forte com a instituição dos tribunos, mas a perda da propriedade, base do seu vigor, era a causa da

sua ruina. A vida guerreira da conquista apressou a decadencia. Muito embora se levantou por varias vezes a questão da partilha das terras conquistadas; os Gracchos, os maiores defensores d'este projecto, succumbiram e desde então a plebe foi condemnada á decomposição. O imperio saiu d'esta decadencia; o dilemma fôra posto pelos factos: ou a republica aristocratica ou a dictadura. Pompêo e Brutus foram vencidos, triumphou Cesar e Augusto. Os imperadores, pelo menos, deram ás provincias um estado de ordem e de socego relativamente superior ao dos ultimos dias da republica; a esta tranquillidade geral, trazida pela dictadura, chamou Plinio— a immensa magestade da paz romana; entretanto a plebe em Roma reclamava *panem et circenses*, perdera a soberania e a consciencia, lançava-se na desordenada orgia do imperio. O fisco imperial iria em breve terminar a obra do desmoronamento.

Ao mesmo tempo a decadencia moral acompanhava a decadencia politica e social; as antigas crenças tinham entrado na phase da dissolução; a philosophia grega e as crenças orientaes derramaram-se por toda a parte; Sérapis rivalisa com Jupiter; Isis suplantou Venus; o boi Apis tambem encontra adoradores. Os romanos olhavam com um certo desdem sceptico e despresivel todas as crenças. Começaram por abrir o Pantheon a todos os deuses dos vencidos e terminaram por divinizar os proprios imperadores.

No meio d'esta decomposição geral da sociedade antiga fermentava uma nova ordem de cousas. A transformação havia de levar seculos, mas fazia-se gradualmente; por vezes houve commoções violentas; nem podia deixar de ser assim. Encontravam-se em face duas classes distinctas; de um lado milhões de homens sem cousa alguma, sem a propria liberdade pessoal; do outro alguns milhares, senhores d'aquelles e de todos os instrumentos da vida. A escravidão que fôra uma consequencia das guerras, o destino dos vencidos, tornou se uma degradação até dos antigos homens livres. Uma parte d'estes caíra na escravidão, ao passo que muitos senhores eram simples libertos. Entre senhores e escravos deixou de haver differença de origem, de raça, de qualidade; a raça, a qualidade, a origem é a mesma, muitas vezes a instrucção e a cultura dos escravos é ainda superior á dos senhores. Os escravos são um objecto de luxo, chegam por vezes a cinco, a dez, a vinte mil e mais; nas grandes casas havia um *nomenclator*, cujo officio era simplesmente lembrar-se do nome de cada um dos escravos. Os escravos e os proletarios (a antiga plebe) eram o total da população, elegiam os imperadores contra os patricios, porque a dictadura d'aquelles era mais suave do que a oligarchia d'estes.

Ha muito tempo que este estado de cousas se accentuava e ag-

gravava. Algumas revoluções haviam rebentado. Em 138 annos a. C. teve logar a primeira revolta dos escravos; na Sicilia duzentos mil homens revoltaram-se sob as ordens de Eunus, escravo syrio, combateram o exercito romano, derrotaram successivamente quatro pretores, mas afinal foram vencidos por Rupilius que os fez massacrar a todos. Entre 105 e 101 a. C. deu-se a segunda guerra dos escravos á voz de Salvius e Athenion que depois de cinco annos de lucta tiveram o mesmo fim; o massacre foi horroroso. Depois de novo periodo de socego rebentou nova revolução, 73 annos a. C. Os escravos tinham por alliados os proletarios e os camponeses. Spartacus á frente d'elles ameaçou Roma, destroçando exercitos sobre exercitos; mas segundo o costume foram por fim desbaratados pelo general romano, por Crassus, que ordenou uma espantosa carnificina. Estas successivas derrotas tiraram a esperanza aos vencidos; a resignação, o desprezo de todos os males, começou a apossar-se d'elles com as ideias vindas do Oriente. O ideal mysterioso da Asia, o *nirvânah*, o aniquilamento individual, o descanso eterno, inoculou-se pouco a pouco no animo das populações subjugadas. Com este desalento das camadas inferiores coincidia o esplendor das classes elevadas—o luxo oriental dos patricios misturado á cultura da philosophia, da arte, e da litteratura, recebida da Grecia. Foi o deslumbrante seculo de Augusto. É então que Virgilio escreve a *Aeneida*, o poema do povo romano, que vinha de abdicar o seu poder nas mãos dos imperadores. Assim entre os patricios e a plebe abriu-se um abysmo profundo, ao mesmo tempo economico e intellectual.

Toda a ordem de ideias vindas do Oriente achavam acolhimento entre a plebe. O Egypto e a India, conquistas dos Romanos, seduziram os vencedores e deslumbraram-os. O vasto imperio romano tornou-se um laboratorio onde se combinavam as ideias religiosas, moraes e philosophicas das velhas civilisações. N'uma das provincias do imperio, na Judeia, foi onde essa agitação tomou ao principio maiores proporções, por causa da maior resistencia d'esse povo vencido contra as ideias novas que se espalhavam por toda a parte. Os Israelitas eram fanaticos; Tacito diz d'elles: *Gens superstitioni obnoxia, religionibus adversa*. Este povo durante muito tempo alliára ao amor do culto, o amor da independencia nacional. As guerras de que foram victimas, as calamidades que soffreram dos Egyptios, dos Chaldeos e dos Assyrios abateram-lhe o sentimento da independencia, mas reforçaram-lhe o amor do culto nacional; nos soffrimentos do captiveiro ou das derrotas refugiavam-se na crença; era esta que lhes dava a energia e a cohesão da nacionalidade, de uma patria ideal, que ainda hoje conservam dispersos pelo mundo. Quando as extorsões dos empregados fiscaes e

dos magistrados do imperio lhes tiraram toda a esperanza de melhorarem de sorte sob o dominio romano, lançaram-se na revolução e foram extinctos; foi a energia do fanatismo que os levára á revolta. Esse fanatismo, opposto á tolerancia romana, provocou maior agitação das novas ideias, como sempre succede; a reacção equivale á acção. Muitos agitadores, prophetas ou feiticeiros, appareceram prégando doutrinas novas e indeterminadas, um mixto das religiões do Oriente e da philosophia grega. O proprio Jesus não foi mais do que um d'esses illuminados, que pretendia introduzir na Judeia a revolução moral, que se dava nas outras provincias do imperio. O odio que os Judeus lhe votaram é uma prova d'isso; com rasão observa Victor Arnould, que Jesus e seus discipulos eram considerados não como reformadores indigenas do culto, mas como traidores, imbuidos de ideias estrangeiras, que pretendiam supplantar a religião nacional. Jesus soffreu o supplicio da cruz, como muitos outros visionarios e agitadores antes e depois d'elle; era uma cousa vulgar n'aquella epoca. Com a morte d'elle parou a propaganda da sua doutrina. «Nada mais antipathico a Jesus do que a Judeia, diz Arnould; é ali que desde o primeiro dia a reacção contra elle é mais forte; até hoje, só os Judeus resistiram a toda a propaganda christã. Os discipulos sabem-no bem. Elles não diligenciariam evangelisar na Judeia! Logo que Jesus morreu, elles não disputaram mais; voltaram á Galiléa para retomarem os seus officios. As mulheres que seguiam Jesus abandonaram inteiramente a propaganda; não se ouve mais fallar d'ellas. Se não existissem como primarios elementos christãos, senão Jesus, seus discipulos e a Judeia, estaria tudo acabado.» Mas, annos depois, as populações que ouviram Jesus despertaram á voz de um novo agitador; um homem de origem estrangeira, um certo Paulo, um desconhecido, préga a nova doutrina sob o nome mysterioso de Christo; os discipulos de Jesus combatem-no, calumniam-no, insultam o novo apostolo, como um intruso; mas são vencidos e arrastados na corrente da opinião. Elles mesmos recomeçam a propaganda. O terreno desde muito estava preparado para receber a doutrina nova. As epistolas de S. Paulo provam-no; este apostolo dá-nos paizes inteiros como se fossem conquistados pela sua voz para a religião christã; mas na Syria já existiam egrejas organisadas antes d'elle prégar a nova crença, e n'outros pontos haviam surgido diversos agitadores.

No anno 64 da era vulgar, data da primeira perseguição, já o christianismo fizera grandes progressos. Na verdade foi Paulo o principal fundador da nova crença; chamando a si os escravos, o maior numero, exalta-lhes a imaginação com as promessas de uma vida nova; não era um ignorante visionario, era um cidadão roma-

no, com uma instrucção completa, conhecendo os philosophos e os poetas da Grecia, que se devotára á causa dos miseraveis. Convence-os e domina-os pelo sentimento e pelo mysterio; o nome de Christo serve-lhe para esse fim; recebeu o talvez do Oriente, das antigas tradições, e emprega-o como bandeira da doutrina que prêga, isto é, a fê n'um renascimento; condemna ao desprezo a lei escripta e toda a auctoridade e assim attrae a multidão. «Como os escravos e os pobres são privados de toda a consideração publica, de toda a dignidade mental, como no fundo nada lhes importa se não as relações privadas, e como suprema alegria a vida de familia, S. Paulo faz do christianismo a religião domestica por excellencia. Toma o «dar a Cesar o que é de Cesar» e estende-o tanto que o escravo christão acaba por fazer de si mesmo duas partes, quasi sem relações entre ellas: uma, o corpo, que sua, que se açouta, que faz todos os serviços mesmo os mais vis; a outra, a alma que vive para si mesma ou para outras almas, com as quaes sómente porá em commum os seus sonhos. O mundo inteiro, a nação, a historia, a sociedade desapparecem. Não ha mais do que seres sem nome, sem personalidade, inclinados perpetuamente sobre o seu proprio nada.» Estas palavras de Victor Arnould descrevem bem a obra de Paulo.

A par d'esta revolução provocada por Paulo, dava-se outra mais profunda e mais radical contra as instituições romanas e contra as classes superiores, condemnadas a desapparecer; fazia-se igualmente sob o nome do christianismo, mas não só declarava guerra á civilisação greco-romana, como tambem a Paulo, ás suas doutrinas e aos seus discipulos. D'aquelle movimento revolucionario chegaram até nós as *Epistolas* de S. Paulo; d'este tambem possuimos um documento, que é o *Apocalypse*, de fôrma prophetica, inteiramente asiatica. João, o auctor do *Apocalypse*, dirigindo-se ás *sete egrejas da Asia*, chama *synagoga de Satan* á igreja de Smyrna e lança as maiores calumnias e injurias sobre todos os discipulos de Paulo, em especial sobre as egrejas de Pergamo, Thyatires e Sardes, contaminadas pela doutrina dos *Nicolaistas*, isto é dos adeptos do verdadeiro fundador do christianismo. Epheso, pelo contrario, replelle «os que se dizem apostolos e não o são,» odeia os discipulos de Paulo, «não sustenta os máus, experimentou-os e reconheceu os mentirosos.» Philadelphia tambem se mostra adversa á «gente da *synagoga de Satan*.» Entretanto a ultima igreja, Laodicea, conserva-se indifferente, é o peor dos Estados, porque como a capital do imperio lançou-se na dissipação e na devassidão greco romana. João chama as cidades, que escutam Paulo, ao bom caminho, incita-as a «voltarem ás primeiras obras,» a abandonarem o intruso, o corruptor, o mentiroso, o estrangeiro. Em torno d'es-

tas cidades antigas, a que João chama as sete egrejas da Asia, estendia-se a vasta zona em que predominavam as ideias prégadas por Paulo, ou que, segundo a tradição, elle percorrera e a cujos povos dirigia as suas cartas: Tessalónica, Athenas, Corintho, Creta, a costa da Syria, a Cilicia, a Phrygia, etc. João combate a influencia do espirito, que reinava n'estes paizes, sobre as sete cidades da Asia.

As *Epistolas* de Paulo tambem se referem a inimigos poderosos que o combatiam, e que decerto são os amigos do auctor do *Apocalypse*. Paulo encontra-se entre dois partidos ou correntes extremas: a greco-romana ou do centro do imperio e a revolucionaria intransigente, ou a do *Apocalypse*. Para João e em geral para toda a Asia revolucionaria Paulo não é mais do que um traidor, porque prêga a abstenção, a contemporisação, quando era preciso atacar de frente o dominio imperial, elle leva o povo para um mysticismo sentimental e inerte, em vez de o conduzir á acção, á lucta. Revoltára-se quasi todo o imperio contra Nero, os exercitos e os povos alliavam-se contra o tyranno; Vindex na Gallia proclamou a revolta, a Hespanha, a Lusitania, a Africa e a propria Germania inferior seguiram-lhe o exemplo; o Oriente, porém, ficára silencioso, porque Paulo havia prégado a doutrina da cobardia e do abandono. No *Apocalypse*, João, pelo contrario, prégava a guerra nacional e social contra o dominio romano e contra a sua corrupção e chamava aos que aconselhavam a abstenção «falsos irmãos que era preciso combater com o mesmo ardor que a propria Roma.» Aos olhos de João e dos Asiaticos revolucionarios Paulo era um emissario do imperio, que aconselhava o povo a «dar a Cesar o que é de Cesar.» Na linguagem apocalypticica o imperio romano é um dragão a que «a terra inteira presta homenagem» e que é forte porque ha sobre a terra um outro animal que «falla como o dragão romano» e que «seduz os homens tendo dois cornos semelhantes aos do cordeiro.» O cordeiro é o symbolo dos apóstolos do *Apocalypse*, emquanto que o animal que seduz os homens, sendo alliado do dragão, é o symbolo de Paulo e dos Nicolaistas.

Com a sua doutrina abstencionista Paulo conseguia chamar a si os burguezes das cidades orientaes e gregas, que, odiando o imperio, detestavam tambem toda a exaltação revolucionaria. Segundo Victor Arnould, João commetteu um erro, combatendo os paulistas como traidores, e obrigando-os a declararem-se por um partido definido; atacando-os, dispunha-os naturalmente contra si e a favor do inimigo commum, o que era prejudicial aos revolucionarios. Se estes não levantassem os odios da multidão contra a burguezia paulista, a revolução ganharia muito porque não encontrava resistencia da parte d'esta, a qual abstendo-se de intervir na

lucta esperaria os acontecimentos. Diz o mesmo auctor que a eterna falta de todos os revolucionarios theoreticos, como João, é o desconhecerem os partidos intermediarios e lançarem-nos do lado do inimigo com quem os confundem. Parece-nos, porém, que os fins de Paulo eram bem differentes dos de João, pois levando o povo para o mysticismo sentimental, preparava-o para receber pacificamente a tyrannia dos imperadores, sem se revoltar, e aceitando-a como um castigo da providencia ou como um meio de ganhar mais facilmente a bemaventurança. João, pelo contrario, queria a revolução social contra o imperio e contra a dissolução greco-romana, queria reorganisar a sociedade em bases mais justas e favoraveis aos escravos e proletarios que de bom grado acceitavam as novas doutrinas. A influencia das doutrinas conservadoras de Paulo fez-se bem depressa sentir.

A agitação revolucionaria em que ficou o imperio á morte de Nero teve por consequencia immediata uma série ephemera de Cesares saídos do elemento militar, que se succederam no throno de Nero, disputando-o uns aos outros pelas armas. Entretanto Vespasiano, o chefe militar do Oriente, que n'esta occasião procurava suffocar a revolta nacional dos Judeus, em vez de se lançar na guerra civil para ganhar o poder, conservou-se affastado e quasi indifferente á lucta, formando apenas uma especie de liga de salvação publica para a qual entravam as classes conservadoras que seguiam a doutrina de Paulo. Quando Vitellius quiz substituir as legiões de Vespasiano pelas legiões da Germania, aquellas revoltaram-se e proclamaram imperador Vespasiano, que foi logo reconhecido por todo o Oriente, á excepção das cidades da Lydia, que seguiam as ideias intransigentes de João. A subida de Vespasiano ao throno imperial foi o triumpho para a doutrina paulista; este imperador e seu filho Titus aniquilam os Judeus e destroem Jerusalem com o apoio de todo o Oriente, que via n'aquelle povo o maior adversario da doutrina nova. Com razão observa Victor Arnould: «Sim! foi o christianismo que se installou no throno com a familia dos Flavios. Não sem duvida o christianismo purificado, que mais tarde conheceremos depois da longa elaboração das ideias, mas o que existe nos tres quartos do primeiro seculo, isto é, o christianismo sem o Christo, o christianismo misturado aos sonhos de vinte povos, ás tradições de vinte raças, ao symbolismo assyrio e persa de João, como ao idealismo de Paulo, com as praticas de Serapis e o sentimentalismo do Egypto.» Vespasiano, assim como destruiu Jerusalem, tambem tirou a liberdade ás cidades revolucionarias da Lydia e isolou-as militarmente, afim de abafar o movimento revolucionario pregado por agitadores exaltados como João. Venceu assim a facção conservadora do christianismo, mas

vinte e cinco annos depois a facção exaltada dos revolucionarios encommoda outra vez o imperio e d'esta vez faz-se sentir no seio da propria Roma. Domiciano, o ultimo representante da familia burgueza, eleita pelos conservadores inclinados á reforma, persegue os exaltados e com elles os philosophos, os judeus reaccionarios, e até os proprios revolucionarios conservadores, e impõe o velho culto romano, quasi esquecido desde Vespasiano.

Porém durante os vinte e cinco annos de socego sob o dominio dos Flavios dera-se uma modificação profunda no movimento revolucionario do christianismo, como se vê pelos documentos historicos, que segundo todas as probabilidades pertencem a esta epoca. Taes são os Evangelhos de Marcos, de Matheus e de Lucas, as Epistolas de Pedro, de João e de Thiago e uma parte dos Actos dos apóstolos. Por estes documentos conhece-se que o movimento revolucionario e social afastára-se da sua corrente primitiva tornando-se pacifico e inteiramente religioso. Como unica reforma social queriam o communismo de bens, essa utopia que vemos surgir sempre na historia como remedio ideal nos momentos de crise. Em vez de prégarem a revolta contra as instituições e contra a corrupção social, como no *Apocalypse*, estes documentos historicos advogam a paciencia, a doçura, o soffrimento. Em vez do desprezo das grandezas imperiaes, como aconselhava Paulo, recommendam a humildade e mesmo o aviltamento, quando dizem: *Se te derem uma bofetada na face direita offerece a esquerda*. Foi durante esta epoca de socego que tambem se começou a formar a lenda do Christo, aproveitando-se das tradições orientaes do mytho solar para fazerem um deus soffredor, morrendo sempre, e sempre ressuscitando.

Assim pela transigencia dos discipulos de Paulo o movimento revolucionario social e politico converteu-se em religioso e o imperio romano prolongou a sua decadencia ainda por quatro seculos, inutilmente para a civilisação da humanidade.

(Continua).

TEIXEIRA BASTOS.

A REORGANIZAÇÃO DA POLITICA PELA SCIENCIA

Assim como os problemas de calculo são discutidos pelos mathematicos, os de cosmologia pelos physicos ou chimicos, os de pathologia pelos medicos, assim as questões politicas terão de ser um dia tractadas exclusivamente pelos sociologistas. Então as discussões palavrosas e vasiaas terão acabado; a rethorica com que actualmente se usa encobrir a falta de ideias, fugirá convencida da propria inutilidade ridicula; e os rasgos tribunicios que a paixão partidaria inspira nos parlamentos de hoje, irão lentamente desaparecendo diante da analyse severa e inexoravel dos factos sociaes, que homens competentes discutirão com serenidade sob o criterio scientifico das leis historicas. A emoção será substituida pelo estudo racional dos phenomenos, e no lugar que hoje occupam as declamações estéreis da maioria dos estadistas, será collocada a decisão positiva, o ponto de vista seguro, a conclusão rigorosa. Os partidos, que são a consequencia da indisciplina metaphysica, terão cessado de existir em politica como cessaram em sciencia, porque diante da demonstração não ha lugar para duas opiniões diversas; as discussões irritantes do momento historico que vamos atravessando acabarão emfim pela unanimidade de crenças a que a sociologia fatalmente conduzirá todos os cerebros e todos os corações. Como consequencia d'isto, os typos dominantes da politica actual, bohemios que transitam de opinião para opinião sem consciencia da propria indignidade, serão eliminados e o seu lugar occupado pelos cultores da sciencia social, intelligencias a que o estudo complexo e systematico de todos os conhecimentos terá dado uma disciplina inquebrantavel de opinião e um ideal austero de character.

Os representantes do povo deixarão de sair das combinações insidiosas dos governos ou das tumultuarias assembléas que se agitam por phrases, que se illudem por sophismas, que consentem em ser ignobilmente exploradas pela lisonja ou pela promessa de illusorios interesses. Deixarão de procurar-se os parlamentares nas fileiras parasitarias do exercito, nos conclaves mysticos dos padres ou nas praças commerciaes entre banqueiros e proprietarios que deslumbram pela legenda dos milhões. Os representantes legitimos da vontade nacional serão procurados nos gabinetes de estudo onde, distanciados do rumor anarchico das paixões e dos interesses, consagram todas as forças do seu espirito á impassivel apreciação especulativa dos problemas sociaes.

Sairão da classe scientifica dos sociologistas, os parlamentares das sociedades futuras. Os Bismark, os Canovas, os Bieconfield serão substituidos por homens como Littré e Spencer.

Não é um devaneio ou uma vaga utopia, a affirmação que fazemos. O poder espirital dos homens de sciencia faz-se sentir por toda a parte, dia a dia mais intenso, e elle hade impôr a funcção politica aos sociologistas, unicos que por uma educação encyclopedica têm o direito de discutir os factos sociaes, de todos os mais complexos e mais particulares. Os desastres, as vicissitudes de toda a ordem porque têm passado ultimamente algumas nações da Europa sob a direcção de homens incompetentes, armados chefes politicos nos campos de batalha ou nas intrigas theatraes das facções, têm demonstrado quanto é perigoso, quanto é funesto confiar ás inspirações ou ao capricho do primeiro curioso politico a solução dos graves problemas que interessam a vida isolada ou internacional de um paiz. O descredito que em França pesou sobre MacMahon tirando-lhe a presidencia da republica, o conceito desfavoravel que Bismark principia a merecer dos allemães, as hostilidades que na Hespanha se levantam contra Canovas del Castilho, o desprezo que em Portugal se sente já e amplamente se manifesta pelos chefes dos partidos monarchicos, em flagrante opposição com o respeito e a influencia incontestavel que alguns publicistas disciplinados pela sciencia principiam a exercer sobre o espirito publico, tudo conspira em demonstrar que a reorganisação politica se effectuará substituindo conscientemente as estereis personalidades aventureiras dos actuaes parlamentos pelos unicos homens competentes e capazes de occupar este elevadissimo logar, os sociologistas. Assim uma tendencia justa se manifesta a reorganisar a politica pela sciencia, chamando á representação nacional as vozes auctorizadas, as verdadeiras e legitimas competencias. Esta será a marcha natural, segundo as previsões scientificas da Philosphia Positiva, que faz da politica um ramo concreto da sociolo-

gia ou physica social. Determinar o tempo necessario á integral realisação d'esta salutar tendencia, é impossivel; affirmar porém que ella terá logar, é simplesmente fazer uma previsão garantida pelos dados racionaes da sciencia e pela marcha evidente dos acontecimentos. Que os aventureiros indisciplinados protestem, como os clericaes em nome da tradição, ou como os socialistas systematicos em nome da utopia, pouco importa; elles serão vencidos pelo poder indiscutivel da evolução, que a sciencia determina e que os factos demonstram.

Porto, 13 de agosto de 1880.

JULIO DE MATTOS.

TRADIÇÕES DAS PEDRAS

Cada terra com seu uso,
Cada roca com seu fuso.

De um vasto trabalho, para a realização do qual, porém, ainda nos falta muito tempo e materiaes, destacâmos os seguintes factos a proposito do estudo das *tradições das pedras* no nosso povo:

§ 1.º) Toda a gente tem ouvido fallar nas *pedras de raio* (as *cerannias* dos antigos), que, segundo o povo, caem quando troveja e racham as arvores, etc.

Esta *cunha de pedra* (Resende), quando cae, afunda-se *sete* varas e só vem á superficie no fim de *sete* annos, levando cada anno a subir uma vara (Trás-os-Montes, Angorez, Vouzella).

Na occasião em que cae, dá muitos saltos no chão, deixando a terra esgadanhada (Rio Tinto). A *cunha* é lançada nos telhados para livrar de raio a casa (Torre de Moncorvo).

Em algumas versões que recebi, esta *cunha* é de *ferro* em vez de ser de *pedra*.

Os antigos prendiam ás *cerannias* diferentes superstições. Em Plinio achamos a seguinte noticia: «*Sotacus et alia duo genera fecit ceranniæ, nigræ rubentisque, ac similes eas esse securibus: ex his, quæ nigræ sint et rotundæ, sacras esse, urbes per illas expugnari et classes, easque betulos¹ vocari; quæ vero longæ sunt, cerannias. Faciunt et aliam raram admodum, et magorum studiis*

¹ Muita gente traz *contas e rosarios de azeviche* para livrar de males. Em Gil Vicente diz uma feiticeira:

Ando pelos adros nua,
Sem companhia nenhũa
Senão um sino samão
Mettido num coração
De gato preto e não al.

(A. das Fadas, p. 94).

expetitam, quoniam non aliubi inveniatur, quam *in loco fulmine icto.*» (*Hist. Nat.*, xxxvii, 51).

As *pedras de raio* são assim chamadas na China, na França, Italia e Hespanha. Em Java chamam-se *dentes do relampago*. A mesma crença d'estas pedras existe no Brasil.

Em 1636, Boëce de Boot affirmava que ellas tinham sido instrumentos de ferro transformados pelo tempo em pedras. Mas, em 1723, Jussieu, comparando as *cerannias* com os instrumentos de pedra polida usados pelos selvagens, concluiu que a Europa tinha sido primitivamente habitada por selvagens.

Estava decifrado o problema. As *pedras de raio* (pedras que fazem lume, d'onde uma rasão para a identificação d'ellas com o raio) eram os instrumentos de silex dos homens da idade de pedra.

É curiosa, a este respeito, a seguinte cantiga popular, colhida por nós na provincia da Beira-Alta:

Entre o calor e o frio
Se gera a *pedra do raio*,
Quem me dera a fortaleza
Que tem o trovão em maio.

(De ao pé de Viseu.)

Em presença dos novos instrumentos metallicos, os instrumentos de pedra ficaram com um uso restricto. Foram empregados nas ceremonias religiosas. É assim que, por exemplo, Tito Livio, fallando do sacrificio feito por occasião da alliança dos Horacios e Curiacios, diz que o *Pater patratus*

porcum saxo silice percussit ¹

No meu concelho de Mondim-da-Beira, e em varios outros tambem, é costume, quando matam os porcos, chamuscarem-nos, lavarem-nos, esfregarem-nos com uma *pedra*, e depois raparem-nos com faca. Eu estava quasi inclinado a vêr aqui a tradição da *pedra dos sacrificios*, tanto mais que talvez o escolher-se a epocha do Natal para a matança dos porcos seja uma reminiscencia de um antigo culto.

Ainda que esta supposição seja infundada, julguei comtudo do meu dever apresentar todos os factos por mim conhecidos.

Em Portugal apparecem com effeito diferentes monumentos de pedra representando o porco. Tomemos para exemplo o porco (?) de uma estatua de Sabroso (no Minho), o porco do pelourinho de

¹ Liv., lib. i, cap. xxiii.

Bragança¹, e a celebrada *Porca de Murça*, a qual (segundo o meu amigo o sr. dr. Martins Sarmiento me diz em carta, por informações que obteve), dá em certos casos-crimes signal de innocencia ou culpabilidade conforme muda a côr vermelha de que ella está revestida².

Com relação á existencia da superstição das *pedras de raio*, dizemos que ella é muito antiga na nossa península, a ajuisar mesmo por um texto de Suetonio em que este A. nos diz, a proposito da exaltação do imperador Selvio Galba (anno 68): «Non multo post in Cantabriæ lacum *fulmen* decedit: repertæque sunt *duodecim secures*, haud ambiguum summi imperii signum.» (S. S. *Galba*, por Suetonio, VIII).

Para terminar este capitulo das *pedras de raio*, acrescentarei que Sven Nilsson, no seu livro sobre os *Habitantes primitivos da Scandinavia* (p. 243, trad. fr.), diz que é crença entre o povo que caem na terra durante a tempestade *cunhas de pedra*.

Assim fica estabelecida com alguns factos (podiamos citar mais) a filiação das *pedras de raio* nos instrumentos prehistoricos de *silex*, e a antiguidade d'esta superstição não só na península, mas no mundo.³

§ 2.º) O citado escriptor Sven Nilsson chega, depois do estudo de diferentes factos, a concluir que entre os Godos havia amuletos de pedra que se traziam ao pescoço pendentés de uma correia.

Entre nós dá-se exactamente o mesmo. O povo (Porto, Braga, Famalicão) traz n'uma saquinha as suas *pedras de ara* ao pescoço.

Nas *Constituições* do arcebispado de Braga (pag. 72 do anno de 1538) e na do bispado de Lamego (A. de 1563, p. 208), existentes na Bibliotheca publica do Porto, prohibe-se em verdade que se não tome de logar sagrado *pedra dara*.

¹ Estes dois porcos são mencionados pelo sr. dr. Martins Sarmiento na *Renascença*, p. 122, onde diz: «Na Irlanda, aonde, segundo as velhas tradições, chegaram povos do Sul, e nomeadamente da Hespanha (Diefenbach, *Celtica* II, p. 393) e provavelmente ás vessas, havia rasões mais ou menos fundadas para attribuir aos seus antigos habitantes um *porcine cultus*. Joyce, *Irish names of places*. p. 469.»

² Vem talvez a proposito notar que no nosso povo ha tradições em que a *mudança de côr* em certos objectos annuncia uma cousa não sabida.

³ N'um jornal scientifico francez, encontramos a seguinte nota, a proposito de uma experiencia sobre absorpção do calor: «... les paysans du Midi, qui prétendent que les *silex taillés* par les hommes primitifs protègent leurs habitations de l'incendie et de la foudre. Si vous leur demandez pourquoi, ils vont bien vite chercher leur pierre, l'entourent d'un fil de coton et la portent dans une flamme; au bout de quelque temps ils la retirent; le fil est intact. L'argument paraît irréfutable pour ceux que ignorent la physique.» (*La Nature*, n.º 370, 8 Année.)

As pedras de ara que andam nas saquinhas perdem a *virtude* quando se lhes toca.

Nas pedras de ara dos altares é peccado tambem pôr a mão.

Os corações que hoje muita gente traz ao pescoço, pendentos de uma corrente, serão uma reminiscencia das lanças de silex?

§ 3.º) O culto dos mortos é certamente tão antigo como a morte. De um lado as ceremonias, do outro os monumentos tem servido em parte para o perpetuar. É d'estes ultimos que vamos dizer alguma cousa.

Ao pé de Rio-Tinto, junto á *Serra da Mulher Morta* (segundo informações que obtive do meu amigo o sr. Leite de Faria) conserva-se o costume de deitar uma pedra e resar um padre-nosso ao pé de uma cruz de ferro que ahí ha e assignala morte. Ninguem pôde tocar nos monticulos de pedra¹.

Estes montes eram d'antes chamados *Fieis de Deos*, e sobre elles lê-se no 2.º vol. do *Panorama* a seguinte noticia, que tambem se lê no *Elucidario* de Viterbo, e em Pinho Leal: «Acham-se em varias partes de Portugal logares com este titulo (*Fieis de Deos*)². Ainda em Lisboa, junto á antiga freguezia das Mercês, ha uma travessa com esta denominação. A sua origem é a seguinte: Nos primeiros tempos da monarchia os justicados não eram sepultados nos cemiterios communs...; tinham a *sepultura do asno*; isto é, eram enterrados no campo, e por via de regra, na borda das estradas. Havia a devoção de lançar, todo o que passava, uma pedra n'aquelle sitio, e resar pelo *fiel de Deos*, que alli jazia. A estes montes de pedras se ficou d'ahi chamando os *Fieis de Deos*.» (*Panorama*, A. 1838, p. 357.)

Comtudo este modo de perpetuar a memoria dos mortos é bem mais antigo e geral do que parece o dá a entender o *Panorama*.

Em Aristoteles lê-se o seguinte, muito importante: «Os Iberos (de Hespanha), povo bellicoso, levantam em roda de seus tumulos tantos obeliscos quantos inimigos o defuncto tinha morto quando vivo»³.

Os annaes chinezes de Tchéon (567-579) dizem que os Turcos orientaes praticavam exactamente o mesmo que os Iberos⁴.

¹ O meu amigo T. Bastos dá conta de um costume identico em Cabeceiras de Basto (Vid. *Positivismo*, 2.º anno, p. 119). Sabemos que existe n'outras partes de Portugal.

² Ao pé da Villa de Mondim da Beira, n'um alto, ha um sitio assim chamado.— É ainda de hoje esta linguagem: *feis defunctos*.

³ *Fragm. histor. græcor*, t. 2.º, p. 180,—cit. na obra de Rougemont, *L'Age du Bronze*, p. 52.

⁴ Rougemont, *obr. cit.*, *ibid.*

O costume moderno encontra-se exactissimamente na Suecia e Noruega e n'outras muitas partes ¹.

Viterbo faz derivar este costume das pedras com que apedrejavam os condemnados.

Strabão diz com effeito dos Lusitanos: «*Patricidas eductos extra fines aut flumina, lapidibus obruunt.*» (*Geogr.* Amsterd. 1707, p. 233-4), e ainda modernamente, (conforme a informação do referido sr. Faria) é costume no concelho da Maia, quando alguma rapariga se não porta bem, juntarem-se as donzellas da terra com grandes abadas de pedras e irem á noute apedrejar-lhe o telhado.

O costume de pôr uma pedra sobre uma campa parece comtudo muito natural. Eu, quando era pequeno, nos brinquedos com os meus companheiros de infancia, collocava tambem uma pedrita em pequenas sepulturas, que a gente ás vezes fazia a passaros ou a bonecos.

§ 4.º Os monumentos de pedra reputados pre-historicos (dolmens, cromeleks, penedos encavallados, pedras oscillantes, menhirs) julga-os a imaginação popular habitados de *Mouras encantadas* ².

Pelas *Mouras encantadas* ha ainda uma certa veneração, como representantes que são de antigas divindades locaes, conforme n'outra parte dissemos. O culto pagão dos penedos acha-se porém encoberto sob uma fôrma catholica. Em muitos penedos remotos temos visto cruces e paineis; e nas *Constituições Synodaes* do bispado de Lamego (impresas em Coimbra em 1563, e existentes na Bibliotheca do Porto) vemos a seguinte, para nós muito importante disposição: «Defendemos e mandamos que com as procissões nam vam a *outeiros*, nem PENEDOS, mas soamente aa igreja, ou hermi-da, onde se faz ho officio divino. E nellas nam vsaram doutras palauras, nem de clamores . . . » (p. 135, tit. 16, const. 4).

A mesma disposição se encontra nas *Constituições de Coimbra* do anno de 1591, a fl. 117, v.; e hade certamente encontrar-se n'outras mais, porque as *Constituições* eram cõpiadas em parte umas das outras.

Depois d'isto, e sabendo-se como a Egreja transformava o culto gentio em culto christão, comprehendem-se as designações de muitos dos nossos templos, como: *Senhora da Lapa* (n'um monte da

¹ Vejam-se as *Viagens de Montemon*, e a *obr. cit.* de S. Nilsson, p. 259.

² Em Portugal ha diferentes logares com designações de monumentos pré-historicos. Ex.: *Valle d'Anta*, ao pé de Guimarães; *Monte das Antas*, ao pé do Porto; *Perafita* no districto do Porto e ao pé de Lazarim no districto de Vizeu. *Perafita* deriva de *Petra ficta*, correspondente ao nome das povoações francezas *Pierrefitte*.

Beira), *Senhora da Penha* (n'um monte junto a Guimarães), *Senhora do Pilar* (n'um monte junto ao Porto), *Bom Jesus da Pedra* (Obidos), *Senhora da Pedra* (districto do Porto), etc., etc.

A *Senhora da Lapa* da Beira tem uma romaria annual (15 de agosto), á qual concorrem os padres das differentes freguezias mais ou menos visinhas, levando as respectivas cruces.

O meu concelho de Mondim da Beira é um dos que manda tambem muitos romeiros. De lá são estas cantigas:

Nossa Senhora da Lapa
É madrinha de João:
Eu tambem sou afillhada
Da Virgem da Conceição.

Nossa Senhora da Lapa,
Da Lapa e da Lapinha,
Chamae-me vós afillhado
Que eu vos chamarei madrinha.

Na *Senhora do Pilar* faz-se egualmente uma romaria no verão.

A Senhora do Pilar
Tem o seu pilar de vidro,
Que lh'o deu um marinheiro
Que se viu no mar perdido.

diz a lóa ¹.

§ 5.º) Já que estamos fallando das *tradições das pedras* no nosso paiz accrescentaremos que, quando se quer indicar que alquem está arrenegado, se diz:

Falla com *sete pedras* na mão.

É curioso este numero sete: estar nas suas *sete quintas*; *sete pobres* n'um palheiro; agua de *sete fontes*, etc. O numero impar em geral gosa de grande importancia: deve pregar-se na porta uma ferradura do pé esquerdo com numero pernão de buracos; não devem comer 13 pessoas á mesa; deve tomar-se numero impar de banhos, etc.

Não podemos deixar tambem de mencionar o *jogo das pedrinhas* (Beira Alta, Minho), e o *jogo das mécas* (Moncorvo), alguma cousa parecidos com o jogo dos Astragalizontes, descripto no *Dicc. des Antiquités Romaines* de Anthony Rich, trad. fr.

Porto.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

¹ Vid. *Commercio Portuguez* n.º 131 (9 de junho 1878).

POESIA

A LINGUAGEM DOS MYTHOS

I

QUANDO AS PEDRAS FALLAVAM

Sobre um sólo, que ardentes calmas fendem,
Amolda o homem por sua mão o barro,
Nos ignorados deltas da Chaldéa;
Templos, palacios, torreões esplendem,
A sepulchral pyramide campêa.

Bem como Prometheu anima argila,
Amolda o homem por sua mão o barro,
Não necessita ao céu roubar o fogo;
Communicando-lhe a vital favilla
Fal-o exprimir a imprecação e o rogo.

E combinando o cunho que lhe imprime,
Amolda o homem por sua mão o barro,
Onde revela o ingenuo sentimento;
E o barro guarda-lhe a canção sublime,
E a impressão primordial do firmamento.

Com o poder, que às pedras deu a falla,
Amolda o homem por sua mão o barro,
Tira tambem do nada o Deus que adora;
Sobre o altar véte o sangue, a rasão cala!
Assim perdeu a audacia creadora!

II

PRIMUS IN ORBE DEUS FECIT TIMOR

Eil-a a brincar a criança! espontaneo folguedo;
 Deu-lhe para tingir a face aveludada
 Com a sangrenta côr de uma baga esmagada
 Que arrancára na moita, e triturou com o dedo.

Se não nos faz lembrar, quando o selvagem ledo
 Inventára essa vã tatuagem desvairada!
 Eis, vê-se a criança então; não se conhece, brada
 Hirta de horror, sosinha, em convulções de medo.

Que verdade entre os dois! É lei do atavismo;
 Assim a Humanidade um dia fôrma o Deus,
 Composto das paixões e sentimentos seus!

Vendo essa obra, aterrou-a o vago symbolismo;
 Quiz aplacar o numé, e do fervor no accêso,
 Ergue o altar onde immola a rasão e o progresso.

THEOPHILO BRAGA.



VARIÉDADES

SCIENCIA E NATUREZA

(CARTA A ANTONIO FURTADO)

Meu caro Antonio.

Pedes-me um artigo para o teu jornal *Era Nova*, e eu não sei o que possa ou deva escrever-te.

Indicas os meus recentes estudos sobre historia natural como fonte de bons assumptos. São-o em muitos pontos; é verdade. Mas não hade desdizer perante o fim da tua revista (bella creação, por certo, e de que muito hade fazer-se), não será n'ella mal cabida a aridez d'uma descripção zoologica? No meio d'uma apathia profunda, não irá cair perfeitamente de chofre a historia d'um animal inferior, por mais interessante que ella seja?

É por ora apenas o que posso dar-te, e eu sei que n'um paiz em que a cultura dos espiritos se faz quasi como a dos cereaes, com arado e pé de boi; aonde os escriptos sobre materia d'utilidade immediata cahem da mão dos corpos bocejantes; aonde o sr. Eça de Queiroz, para poder vender a segunda edição do seu romance o *Crime do padre Amaro*, o primeiro romance nacional, precisou fazer d'elle o que nunca foi, eu sei que, n'um paiz d'estes, a publicação d'escriptos quasi exclusivamente de classificação zoologica pouco podem trazer á proveitosa vulgarisação d'um jornal.

Ha dias, receiando que este modo geral de apreciar fosse um exagero, filho talvez de eu confundir o que me estava perto, com o que bebia nas grandes escolas do paiz, perguntei a varios rapazes que voltavam da Polytechnica, se a historia natural os interessava, se faziam excursões, se costumavam recorrer para demonstrações ás collecções do museu de Lisboa. Responderam-me todos que não, redondamente que não. Observei que o museu era no mesmo edificio da escola, e que, ainda que o não fosse, tinham elles obrigação de formar um grupo não vulgar, de visitantes.

«Qual, visitantes?!... É no mesmo edificio, mas aquillo forma lá uma cousa perfeitamente á parte!»

N'essa occasião corria eu os indices do *Jornal de Sciencias de Lisboa*, com o fim de encontrar um artigo que então muito me interessava, quando vi por ella que, na secção de zoologia, eram apenas firmados os nomes — Bocage, Capello.

Já não havia que duvidar. Era tudo o mesmo, desde o estudante da Polytechnica, até á gloriosa *troupe* dos cursos superiores de *naturaes*.

Havia apenas aquelles dois homens. Um d'elles perdeu-o já a zoologia descriptiva, e, no dia em que o sr. dr. Bocage, por verdadeira infelicidade, chegar ao termo da incessante lida, Portugal perderá aquella sciencia, se os que têm na mão as ccusas publicas não quizerem comprehender que para isto serve apenas a vocação, e que é preciso ir buscal-a aonde quer que ella estiver.

A lei, fazendo dos bachareis o elemento unico dos concursos, suppõe a possibilidade de crear aptidões e não faz mais, quasi sempre, do que jubilar intelligencias.

A maior parte d'elles (por não dizer todos) volta para junto do coração da noiva que é costume deixar-se alugado pelo tempo d'uma formatura; requer um emprego; vai machinalmente (porque o pae foi, e o avô, e o pae de seu avô) pedir a um padre que lhe arrende a ponta da estola, e, depois de ficar sabendo assim como se constitue a familia, passa a lua de mel, pendurando os diplomas na saleta. Na noute do nono dia elle tem sobre o escaparate o Codigo civil, e ella, sobre o escaparate tambem, um romance de Zola. Os livros de economia domestica são receitas de pudins. Recebem todas as semanas, e aonde devia erguer-se no recolhimento da familia, a mesa commum do trabalho, aonde devia fazer-se vivos os bellos versos de Victor Hugo:

«Vous êtes mon lion, je suis vôtre colombe ;
J'entends de vos papiers le bruit paisible et doux,
Je ramasse parfois vôtre plume qui tombe...»

abre-se aos cotovellos de estranhos umas bancas de voltarete. A creada leva todo o outro dia a tirar-lhe os riscos que deixaram os pés dos convidados; o creado das compras é quem remeche no jantar; a *senhora* fica dormindo abraçada ao cabeçal e o *senhor doutor* entra na secretaria calçando as suas luvas porque enfim os amanuenses precisam de ter quem os *dirija*. Os melhores d'esta utilissima phalange contentam-se com Figuiet, e aconselham as *Vinte mil leguas* de Julio Verne a quem estuda sobre os livros de Cuvier, Valenciennes, Günther, Milne Edwards...!!

O geral das modernissimas *preparações* da Universidade é rigorosamente assim.

Quando vem a ferias, são apontados com muita esperanza; conta-se d'elles maravilhas. As vezes, escrevem alguns volumes de versos, cuja sciencia social é a crua exposição de corpos ulcerados; mas ao menos com isto ainda se dá trabalho aos typographos.

Casam. Morreu logo completamente a cultura já pouco fertil de intelligencia. A mulher que, para Michelet, tem a missão de *refazer o coração do homem*, para aquelles sabios é o marasmo da Ideia! Não ha ali dentro um cerebro, ha apenas um utero!

A Ideia! a observação! a publicação de factos revelados!... Mas de que serve tudo isto?! De que?!...

Elles *trabalharam* já bastante, *estudaram*, *sabem!* A lei está por elles.

Além de terem tido dinheiro para poderem estudar á vontade e como deviam, ainda querem outro privilegio! E argumentam que é preciso que a lei lhes dê a preferencia, fazendo-os ganhar muito, porque *gastaram muitos contos de réis para se poderem formar!* Ganhem pela sua intelligencia, pelo seu trabalho; pelo dinheiro que consumiram inutilmente aos paes... nunca! O capital não se faz render, applicando-o á satisfação dos pontos sem nexo d'um programma de exames; quem o quer fazer render, põe-o a juro; as universidades não são bancos!

Bem haja, comtudo, a lei! É exactamente no seu exclusivismo que está

a força de vontade e o poder dos outros, que elles julgaram ter deixado á porta da universidade, como chinelas de turcos á porta d'um templo.

N'esta persuasão, cada vez mais idiota, responde a historia das mais uteis descobertas e a biographia dos homens mais eminentes.

A America que arrasta hoje para si toda a torrente do poder scientifico, toda a força da civilisação, mostra-nos o grande genio de Eddison inteiramente privado de luzes academicas. E emtanto, logo que se tracte de luz electrica, todo o mundo hade querer ouvil-o.

«E o sr. Eça de Queiroz não é formado em direito!» disse o sr. Ramalho Ortigão que tambem o não é. Comtudo são os mais bellos escarpelistas da sociedade portugueza.

Se me oppozerem Theophilo Braga, eu direi, ainda com o sr. Ramalho, que a sua carreira gloriosa começou quando elle *raspou de si o metaphysicismo universitario, como os antigos leprosos raspavam a lepra, esfregando a pelle com uma telha.*

Mas eu fallo em direito e estamos especialmente em sciencias naturaes, nos cursos superiores.

Tornemos pois ao assumpto e busquemos encontrar o sr. dr. Bocage. É um academico e um medico distincto. Pergunta-lhe se a sciencia das suas classificações lhe foi legada pelos bancos universitarios. Responder-te-ha, de certo, que não, com um sorriso de bondade para a tua duvida. Mas não deixará de te fallar do ajudante naturalista que perdeu e que a lei difficilmente lhe deixará substituir (o sr. Felix de Brito Capello) ajuntando que *o seu grau de bacharel era a sua especialidade natural*; e quando passares em frente dos exemplares d'Africa (a melhor riqueza do museu de Lisboa) hasde ouvir pronunciar o nome do sr. Anchieta, talvez o mais audaz e zeloso collecter do mundo, *mas que a Natureza não parece ter dotado para outro fim. A lei tolera-o*; mas, como não é bacharel que precise sustentar a sua posição a luvas e a pingalim, o governo dá-lhe miseravel subsidio.

«Mas (dirão elles) que destempero é esse?!... Somos porventura obrigados a gostar de carochas ou de caracoes?! Reduz-se a isso a sciencia, e está ahi o bem da humanidade?!...»

A utilidade de taes estudos está soberanamente provada. Supponhamos porém que é uma parvoice. N'esse caso a lei que a deixe cair na mão dos *idiotas!* É simples! Não merece a attenção dos vossos espiritos, ninguem póde obrigar-vos... abdicai o direito!

Comer sem trabalhar, eis a formula. Ahi é que está a sciencia! Ahi é que está o bem da humanidade!

Esse parasitismo que augmenta de dia para dia filia se na completa deslocação d'aptidões. Ella permanecerá o cancro da sociedade emquanto não morrer o privilegio e se não crear a justiça sem concessões.

Em face de tudo isto que é verdade pura, palpavel a cada instante, que tu hasde ter encontrado muita vez no teu caminho, comprehendes o que ha, de verdadeiramente audacioso no projecto de fundação d'um museu açorianno; o que ha, de verdadeiramente glorioso, quando surge a realisacão d'esse projecto e como o vultu benemerito de quem mirou tão grandiosa ideia destaca nobremente do fundo pardacento, que eu julguei dever apontar, mais dorido do que revoltado (confesso-o agora, se o não tinha confessado já.)

O dr. Carlos Maria Gomes Machado, no tri-centenario de Camões, apresentou ao publico michaelense um gabinete de historia natural no lyceu de Ponta Delgada.

Mezes antes, um governo de mesquinhas vinganças pessoases privára aquelle estabelecimento da sua direcção.

É incrivel! Tolher até a instrucção espalhada gratuitamente, com o sacrificio dos particulares!

Seguiu-se embora! Não podia morrer ali a dedicação que não afrouxára nunca, durante quatro annos.

Foi um verdadeiro triumpho. A sala conservou-se cheia por tres dias; ninguem acreditava bem no que estava vendo, tudo exultava. Havia porém uma classe que examinava mais cuidadosamente, apontando, discutindo, querendo saber tudo — era o povo. Emquanto alguém da *alta escola* que tinha ido sómente para namorar as costureiras, me enojava por isso, eu ouvia um camponez verberando assim a descrença da mulher:

«Isto aqui é mesmo assim, é tal e qual como se esteja vivo; não são cousas pintadas em papeis!»

Vê como o espirito menos culto não desconheceu e affirmou na sua phrase rude, mas vigorosamente expressiva, que um museu é um grande livro, sempre aberto e sempre verdadeiro!

Foi a mais sublime vingança. Só assim a exerce quem sabe preparar o futuro intellectual do seu paiz.

Eu considero-me o mais feliz dos homens, porque amando a historia natural desde os doze annos, foi-me dado acompanhar todos os trabalhos que formaram o nosso gabinete.

Vem aqui perfeitamente de molde uma recordação das bellas occupaões da nossa mocidade, porque tem ella excellente conceito.

Lembras-te d'uma manhã de sol ardente, em agosto, haverá sete annos, quando nós regressavamos d'uma excursão puramente material, como todas as que então faziamos, aos hombros, grandes saccas de mineraes, os chapéus crivados de coleopteros? Iamos a dobrar o ultimo cotovello do caminho que sobe das sete cidades, e ouviamos fallar alto. Eu receei, cuido que por nos terem dito que o esperavam no valle e pela semelhança da voz, que fosse o dr. Carlos Machado; envergonhava-me sobre modo o ter de lhe apparecer assim, carregado de pedregulhos! Pois foi exactamente a triste offerta, que depois lhe fiz d'aquelles *calhaus rolados*, colligidos com tanto analphabetismo, o que me deu entrada no nosso museu, e o que fez com que devesse ao dr. Machado toda a minha educação intellectual, toda (devo dizel-o).

Eis como, muitas vezes, o futuro d'um homem póde estar n'uma pedra que elle não saiba desprezar!

Desde então o meu trabalho livre faz-se no meio das collecções e dos livros, quasi todas as tardes e noutes. Muitas vezes, quando o tempo é bom, metto na algibeira um frasco com alcool, algumas caixas e uma pinça, penduro ao pescoço uma *triloupe* e atiro-me ás abas da montanha e á orla dos caminhos. Não ha nenhuma outra distracção que me faça a vida tão feliz! Sem nada que se eleve entre mim e a natureza que eu apprehendo e interrogo... esmago profundamente a dôr, e cada herba que se reergue depois de eu ter passado, é para mim o symbolo da coragem!

As aranhas, por ser estudo novo em materia açorianna, prenderam-me a attenção e pude já colligir talvez sessenta especies, representantes das familias: *Atlidæ*, *Lycosidæ*, *Dyctinidæ*, *Agelenidæ*, *Thornisidæ*, *Scytodidæ*, *Pholcidæ*, *Dysderidæ*, *Therididæ*, *Epeiridæ*... As formas parecem-me todas europeas.

Desejando ardentemente que as minhas observaões mirem a um fim mais ou menos synthetico, tomei a questão da origem das especies como ponto principal de convergencia. Iniciei-me no valor dos factos inherentes ás ilhas, e, como as aranhas não fornecessem dados tão eloquentes nas leis naturaes de distribuição, por ser de transporte facil, quer nas mercadorias, quer por meio dos seus casulos, facilmente adherentes á plumagem das aves d'arribada, os meus ultimos estudos tem tido por objecto o organismo interno dos molluscos terrestres. Na introduccção especial da série de trabalhos malacologicos que apprehendo publicar, eu esforço-me em apresentar a organisação inteira como

verdadeiro ponto de discussão da origem provavel d'aquelles animaes, nos Açores, sobretudo no que respeita ás especies peculiares.

A referida série de trabalhos está a publicar-se em breve no Jornal da Academia de Lisboa e tem por titulo: *Questões de malacologia terrestre açorianna*, consideradas principalmente como contribuintes para a discussão da origem das especies.

A primeira questão tem por objecto o estudo detalhado do animal mais importante dos Açores, a *Viquesnelia atlantica*, Mor. e Drouet. Este mollusco, cujo aspecto externo é o de uma lesma recentemente morta, possui uma concha rudimentar, pertencente ao genero *Viquesnelia*, estabelecido por Deshayes sobre rudimentos fosseis da Romelia. Novos exemplares fosseis foram achados nos Pyreneus por d'Archiac; mas sómente na India se conhece outro exemplar vivo, além do dos Açores — *Viq. Dussumieris*, Fischer! O exemplar açorianno encontra-se apenas em S. Miguel. É inquestionavelmente, nos meios de dispersão, um facto capital. Para as estampas d'este primeiro estudo tenho já quarenta figuras, em que ha curiosos detalhes da membrana da lingua e do apparatus reproductor. Muito me foi ainda impossivel estudar, pela raridade dos exemplares. Para embryogenia (tão essencial nas discussões do transformismo) não tenho uma só palavra; mas farei porque se me torne accessivel na proxima estação.

Eis ahi, mais meuda, a relação de todos os meus bens. Estão ás tuas ordens. É o que póde fazer quem nunca poude *bacharelar*. É apenas o boiar d'uma vocação que eu nunca desporei, porque me convenci de que, se cada um comprehendesse que devia aproveitar a sua, todas as vezes que ella fosse digna, e empregasse todos os esforços por tornal-a util, a sociedade attingiria a sua felicidade maxima.

Cubra a lei muito embora os ociosos!

Emquanto, nos domingos e dias santos, os vejo acercarem-se das missas aristocratas, consumindo o tempo a patentear uma crença que não tem, eu costumo correr a aproveitar aquelle que a obrigação me deixa livre.

O templo, para mim, n'aquelles dias — é o nosso pequeno museu; o altar — uma mesa de trabalho; o missal — um livro de zoologia; a hostia — o campo illuminado do microscopio!

Hoje que o trabalho é a arteria da Humanidade; que as leis que o regulam sahem da intelligencia, e esta só vive do cognoscivel; hoje que a sciencia é tudo, e que a vida mal dá para o estudo d'um dos seus mais pequenos ramos; o homem dá a prova da mais cabal estupidez, santificando os dias, para roçar a *theoria milagreira*, o maior insulto ás leis da natureza!

Elles ouvem a missa do passado, eu quero ir na missa do futuro!

Sciencia e natureza é o titulo d'um livro de Buchner. Tomei-o por divisa.

Aqui não ha orgulho, nem despreso; modestia nem immodestia! Ha apenas um incendio a apagar; fica depois um predio a reconstruir. Quem se julgar capaz de cortar um tabique, ou de collocar uma pedra, tem obrigação de apresentar-se. A *policia* incumbe prohibir que o *espectador* transite.

N'este quartel do seculo xix, em que as nações civilizadas caminham para uma aspiração immensa, descobrindo a verdade, afirmando o direito, o dever, a justiça... Portugal, debaixo do seu *clima seco*, e d'um *ceu profundo e azul*, estira-se de barriga na calçada, ao *olhinho do sol* — o velho maritimo das chronicas! Entregou á *mulher* umas *sardinhas* e espera pelo jantar! Vêde porém que essa mulher é a opinião publica! Quando lhe desenganarem completamente o estomago — a consciencia ella, ao arrefecer da tarde, pousará uma manta sobre o pescador adormecido, e gritará aos filhos reunidos: — A nós o *batel e o mar!*

Mas isto está muito longe ainda de poder ser a expansão d'uma *alma nova*.

Tu é que tiveste a culpa! Dá-te por conseguinte ao trabalho de rasgar esta carta, que eu me *incomodarei* estreitando-te n'um abraço.

Teu irmão

FRANCISCO D'ARRUDA FURTADO.

A civilização arabe em Portugal

A linguagem é o documento mais persistente das civilizações que se extinguem ou substituem; assim como os nomes de logares se conservam apesar das sobreposições das raças sobre o mesmo sólo, assim as locuções são os últimos restos dos costumes que se transformam, são os vestígios históricos por onde se recompõem as camadas ethnicas sobre que assenta a unidade politica de uma nação. Apesar da profunda assimilação do catholicismo, que desnaturou a civilização peninsular, tentando apagar da sua ethnologia e da sua historia a importancia do elemento *arabe*, por todos os lados surgem os documentos d'esse grande periodo que deu á peninsula a sua cultura scientifica e o seu desenvolvimento industrial e agricola. Na lingua portugueza ainda são do uso corrente palavras arabes, que revelam o nosso syncretismo religioso, a nossa cultura intellectual, a proveniencia dos cantos e dansas populares, as fórmãs de certas industrias, não fallando já dos nomes de terras e de individuos em que a sociedade arabe se manifesta em toda a sua força e extensão como a base mais fecunda sobre que se constituiu a nossa nacionalidade. Combatida pela organização intolerante do catholicismo, a civilização arabe persistiu, apesar d'essas condemnações da egreja, mas as palavras arabes que significavam productos sérios d'esse grande povo, conservaram um character pejorativo, um sentido irrisorio proveniente de uma desnaturação calculada, que fez com que essas palavras decaíssem em uma giria inferior.

No Cancioneiro provençal portuguez da Bibliotheca do Vaticano são frequentes as interjeições arabes *Mezella* (*Masch-Allah*, Deus o quer) que os prédigadores catholicos actuaes ainda empregam nas imprecações rhetoricas dos pulpitos na fórmula *Oxala* (*do Ins-Allah*, se aprouver a Allah.) Observando os glossarios das palavras arabes conservadas no portuguez e no hespanhol, nota-se que preponderaram aquellas que exprimiam cousas technicas, porque o arabe era incommunicavel nos seus sentimentos; por tanto o uso d'essas interjeições sentimentaes, filhas de uma emoção religiosa, não se póde explicar se não por uma grande fusão do arabe com as raças que encontrou na peninsula. Essa comunicação sentimental acha-se nos dialectos vulgares, como a *Aravia* ou *Algarabia*, nos cantos lyricos, alguns dos quaes chegaram até Gil Vicente. N'este inapreciavel escriptor se encontra com frequencia:

Ui! e elle falla *aravia* (*Obr.*, III, 99.)
Fallou commigo *aravia* (*Ib.*, III, 513.)

E tambem este vestigio de um canto arabe, citado anteriormente entre os cantares arabicos do povo pelo Arcipreste de Hita:

Este es el *Calbi ora bi*
El *Calbi* sol fa melhorado.
(*Obras*, t. II, p. 227.)

No Cancioneiro da Vaticana existe uma canção preciosissima com um

estribilho arabe *Lelia vae lelia*; é o resto do canto conhecido pelo nome de *Leilas*. Janer, na obra da *Condicion de los Moriscos*, falla da terrivel ordem que Philippe II promulgou em 1566, prohibindo o escrever e fallar arabe, bem como o usar trajos e cantar cantigas mouriscas: «y tambien en los de fiesta, no haciendo *zambras* ni *leylas* con instrumentos ni cantares moriscos, aunque no dijese en ellos cosas contrarias á la religion cristiana.» Estas prohibições eram acompanhadas de violencias corporaes, mas as cousas mantinham-se pelo automatismo do costume, d'onde eram estirpadas pela falsificação catholica; assim ainda hoje encontramos a locução popular: «Deixe-se de *lérias*,» que tambem se substitue: «Deixe-se de *cantigas*,» em que essa designação poetica está deturpada. Das *zambras* mouriscas derivam-se as palavras de giria *azambrado*, o que é mal-conformado, que tem geitos desgraciosos, e *zimbrar*, que deixou de significar o acto de dansar para exprimir situações deshonestas. No Cancioneiro de Resende ainda se allude com frequencia ao «doce bailo da *mourisca*,» e Gil Vicente:

E balhando á *mourisca*
Dentre gente portuguez (*Obr.*, III, 53.)

Não praza a Deos co'a viola,
Que assi se tornou *mourisca*. (*Ib.*, 181.)

As deturpações analogas ás que citamos são sempre sobre os factos mais importantes; assim a palavra *Medreseh*, que significava academia, ficou nas nossas escolas catholicas e no uso vulgar significando o priguicoso, o cabula *Madraço*; o nome de *Alfarrabio*, dado pelo povo a todos os livros velhos e inúteis ou illegiveis; o primeiro surate do Koran, *Fatiha*, que se dava como um exercicio de escola, ficou significando uma cousa material, a *fatia* de pão, que se dá á criança. Quando a igreja não podia desnaturar os usos, assimilava-os a si, como se póde observar no culto de *S. Mamede*, sanctificação do nome de *Mahomed*, que tambem se acha na fórma pejorativa de *mafoma*, significando a cara feia, a carantonha repugnante.

Apesar d'isso as artes e misteres arabes conservaram as suas designações originaes, como *Alveitar*, *Alfaiate*, *Alvener*, *Calafate*, e a agricultura da peninsula deveu a sua florescia á invenção arabe das *Noras* (*Noria*) com que ainda hoje se tira a agua dos poços por meio dos *alcatruzes*; ainda hoje o nome das cartas de jogar é a primitiva designação arabe *Naipes* (*Naib*) de que falla Gil Vicente: «*Naipes* vem de Andaluzia.» O instrumento musico popular a guitarra é ainda a *guitára* arabe, e os cantos, que no Brazil são usados pelos tropeiros, e em Portugal são conhecidos pelo nome de *Fado*, são ainda aquelles mesmos descriptos pelo Arcipreste de Hita com o nome de *Huda*. A linguagem é um campo inexgotavel de paleontologia ethnica, e o primeiro documento social, a que o criterio da filiação historica restitue toda a sua importancia.

THEOPHILO BRAGA.

O romance popular de Virgilio

No seu admiravel livro intitulado *Virgilio nel medio evo*, Comparetti, depois de ter estudado o grande poeta romano, tanto na tradição classica das escolas dos rhetoricos e grammaticos da decadencia como nas tradições populares, conclue ácerca do romance hespanhol de *Virgilios*:

«L'avventura colla figlia del Soldano affatto diversa nell' indole sua da

tutte le altre, nelle quali Virgilio figura alle prese colle astuzie femminili e in guerra col bel sesso è in questo libretto (*Les Faictz merveilleux de Virgile*) una'ggiunta presa certamente, come le altre aggiunte d'altro genere, da altri racconti popolari e forse da qualche romanza spagnuola. Certo, benchè da lontano, non ad altiro che a questo doi racconti virgiliani puo ravvicinarsi il *Romance de Virgilio*, che troviano nel Romancero del 1550. In esso il Virgilio della legenda è appena riconoscibile; il mago potente e prepotente s'è dilegnato, non pero per cedere il posto al profeta, all' enciclopedico e molto meno al poeta. L' unica caratteristica che rammenti il Virgilio leggendario in questa romanza é quella dell' innamorato. Virgilio in essa è un buon *hidalgo* che punito per una colpa amorosa, supporta la pena con santa pazienza, ed in premio della sua rassegnazione ottiene l'oggetto dei suoi desideri, da cui è rimato, e con cui si marita in grazia del re e di monsignore arcivescovo.» (t. II, p. 157.) Em nota accrescenta Comparetti:

«Il sig. BRAGA (*Historia da poesia popular portugueza*, Porto, 1867, p. 176, seqq.) trova rapporti fra questa romanza spagnuola di Virgilio, e la romanza portoghese di *Reginaldo* (Almeida Garrett, *Romanceiro*, t. II, p. 163, seqq.) secondo la quale questo paggio avendo sedotto la figlia del re, viene condannato a morte; il re pero lo ode mentre canta nella torre, gli fa grazia e lo marita colla propria figlia.»

Por aqui se vê que a grande auctoridade de Comparetti aceita a filiação portugueza do romance de Virgilio. A origem do romance hespanhol deriva-se, segundo Comparetti, dos elementos tradicionaes do folheto popular do primeiro seculo da imprensa *Faictz merveilleux de Virgile*; por uma observação de Roth, que julga que este folheto popular não é anterior ao anno de 1435, e que allude á dominação hespanhola em Napoles (Vid. Comparetti, *ib.*, p. 156) podemos concluir:

1.º Que o romance de Virgilio, publicado pela primeira vez em Anvers em 1550, nasceu de uma origem erudita, da mesma corrente que punha em verso a historia romana e a Biblia; e portanto de uma tradição então corrente em Napoles nos opusculos populares.

2.º Que a occupação hespanhola em Napoles fazendo reviver as lendas do patrono como resistencia popular, estas entraram assim na elaboração poetica dos Romanceiros para uso dos soldados que estavam fóra de Hespanha.

Eis as relações da lenda dos *Fractz merveilleux* com o romance hespanhol, achadas por Comparetti:

«Lors prit Virgile sa femme en haine et autrefois avoit ouy parler dune damoiselle qui estoit fille du souldan et la tenoit on la plus belle du monde. Si fist tant Virgile quelle se consentit à sa volonté, et si ne lavoit ven que de nuyt... *Et la tint Virgile longtemps en son vergier.* (O vergel é ainda citado no romance hespanhol...) La demoiselle fist ainsi comme son pere luy avoit commendé, et Virgile fui pris, lyé et gardé...» (A circumstancia da prisão, é resultante de um syncretismo com o romance do *Prisioneiro*.) Nos Autos de Antonio Prestes cita-se a lenda popular de Virgilio pendurado n'um cesto por uma vingança de Lanuce, do alto de uma *torre*. Em volta do nome de Virgilio agruparam-se numerosos elementos mythicos, como a produção do fogo, o caracter licencioso e *pederastico*, a floresta ou *bosque sagrado*, a *torre*, que bastam para definir as origens orgiasticas d'esta tradição que sobreviveu á custa de um grande nome.

THEOPHILO BRAGA.

Do descante, como origem da musica moderna

A musica era uma das sete artes, de que se compunha o *trivium* e *quadrivium*. No *Leal Conselheiro* encontram-se circumstancias notaveis para a sua historia. Os monarchas da Europa entretinham em suas capellas um bando de menestreis e cantores; e este facto bastante contribuiu para a creação da musica moderna.

Pelo seculo xiv começa uma revolução profunda na musica antiga; o canto grave e unisono, a que a igreja deu o titulo de *canto gregoriano*, foi mobilizado com a reunião de outras vozes produzindo um accordo d'onde saiu a musica moderna. Em 1322 uma bulla pontifical condemnava o *descante*, e estabelecia a supremacia do *canto gregoriano*; o *descante* era uma novidade perigosa. Jean des Murs, define: «Descanta, aquelle que ou juntamente com um, ou com muitos docemente canta, de modo que de sons distinctos faz-se um só som, não pela unidade da simplicidade, mas pela união da doce concordancia da variedade.»¹ El-rei D. Duarte, no capitulo: *Do regimento que se deve de ter na capella para seer bem regida*, diz: «Prymeiramente se proveja bem ante que o Senhor venha aa Capella o que ham de dizer, seendo avysados todos em geeral, e cada huñ em special, do que soo ou com outro ouver de dizer, assy no leer como em cantar.» (P. 449.)

«que se nom consenta nenhñ *desacordativo* aa estante, porque hña corda destemperada he abastante para destemperar um estromento.

«Item, que se conheçam as vozes dos Capellaães, qual he pera cantar *alto*, e qual pera *contra*, e qual pera *tenor*, e assy cantem contynuadamente pera cada huñ seer mais certo no que cantar.

«Item, que se conheça quaaes antresy nas vozes sam melhor *acordados*, e aquelles cantem algũas cousas que se ajam estremadamente cantar, porque ha hi algũas vozes, que ainda que sejam boas, antre sy no se *acordam* bem, e outras que ambas junctas fazem grande vantagemem.

«Item, que se guarde onde ha destar a estante, e a casa quejanda he pera soarem melhor as fallas (vozes) porque se está a par dalgũa janella, o vento vae por ella fora, e faz menos soar as fallas; e isso mesmo faz em coro alto, ou muyto alongado, porem se deve reguardar o lugar pera mylhor soarem, specialmente se he tal tempo em que se queira resguardar, ou mostrar seus Capellaães.» (Pag. 450.)

Por estas observações de D. Duarte, se verá que em Portugal já estava admittido o *descante*, substituindo o *canto gregoriano*. O accordo das vozes, d'onde saiu a harmonia, procurava-se na melhor consonancia das vozes que melhor se reuniam; assim começaram a serem classificadas de *alto*, *contra-alto*, *tenor*. As condições acusticas para melhor se produzirem as vozes tambem começavam a ser notadas. Assim a musica, considerada então como um ramo da mathematica, ia tomando uma fórmula scientifica.

D. Duarte tambem apresenta alguns preceitos para se ensinar a musica aos meninos, indicando os meios de lhes fazer perder aquelle pudor natural que se tem antes de desprender a voz: «que tanto que ouverem conhecimento de cantar que os façam cantar aa estante, e que lhe façam ensinar algũas *cantigas* a alguñ que saiba bem cantar, e esto pera aas vezes cantarem ante o Senhor, *ca esto lhe faz perder o empacho de cantar*, e esforçar a voz, e gaançar melhor geito e mais gracioso de cantar.» (P. 451.) Estas *cantigas profanas* usavam-se em todos os officios, e só depois do Concilio de Trento é que foram

¹ Victor Le Clerc, *Hist. Litt.*, t. 1, p. 530.

banidas da liturgia; nas Constituições dos Bispados portuguezes ha uma severa e constante prohibição d'essas arias e motetes, signal do seu frequente e tenacissimo uso. D. Duarte tambem providencia emquanto á expressão que se deve dar á musica:

«Item, se deve guardar que o cantar seja segundo as cerimoniaes da Igreja, ou triste ou ledô, e segundo os tempos em que estiverem.» (P. 451.)

«Item, devem seer avysados que em qualquer cousa que ouverem de cantar, ora seja *canto feito* ou *descante*, declarem a letera d'aquelle que cantarem, salvo se ella for deshonesta pera se dizer.» (P. 453.)

Da necessidade de accordar as vozes, veiu a fixação das *claves*, a principio marcadas por *letras*. Diz D. Duarte: «em qualquer cousa que cantarem devem declarar a *letera vogal* segundo he scripta, e esto porque alguñs teem de costume pronunciar mais huña letera que outra em aquello que cantam.» (P. 454.)

Aqui se vêem accetes ambas as fórmãs, o *canto feito* ou gregoriano, e o de muitas vozes. Comparando-se esta despreoccupação com as queixas dos partidarios do canto antigo, vê-se que a lucta tinha acabado. Como Jean des Murs se queixava amargamente: «Oh! se os antigos mestres da arte ouvissem o *descante* d'estes doutores, o que diriam? O que fariam? Elles interromperiam o discipulo d'esta musica nova, para lhe dizerem: — Não foi de mim que aprendeste estas dissonancias, e o teu canto não está de accordo com o meu. Pelo contrario, tu me contradizes e me escandalizas. Cala-te, antes; mas tu antes queres *delirar e descantar*.» ¹

THEOPHILO BRAGA.

¹ Apud Victor Le Clerc, *Hist. Litt.*, t. 1, p. 530.

BIBLIOGRAPHIA

BIBLIOGRAPHIA CAMONIANA

POR THEOPHILO BRAGA

(Lisboa, Imprensa de Christovão A. Rodrigues, 143, rua do Norte, 1.º MDCCCLXXX)

Devido á generosidade dos nossos amigos, drs. Theophilo Braga e Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, o auctor e editor, temos na nossa frente um exemplar d'esta edição primorosa, uma das mais bellas, que saíram dos prêlos portuguezes por occasião da imponente solemnidade nacional, que se realisou em honra do immortal épico—Luiz de Camões.

Este nome, recordado tres seculos depois que o potente organismo humano, que concebeu os *Lusiadas*, se decompunha ao mesmo tempo que a patria perdia a sua autonomia, foi como que o acordar de um povo para a vida historica e para os progressos do mundo moderno. A lembrança d'este nome despertou a consciencia da nacionalidade portugueza, e a nação, erguendo-se unanime, despendeu uma energia, mostrou uma vitalidade com que verdadeiramente ninguem contava. Os mais indifferentes sentiram-se abalados. Parece que um choque galvanico poz em vibração todas as moleculas do organismo social. Effectivamente o nome de Camões produziu esse effeito, porque os *Lusiadas* encerram em si o que um povo tem de maior e de mais intimo, a consciencia da sua nacionalidade. Mas não se julgue que foi o nome de Camões, ou a sua obra genial a causa da revivescencia; esta não se dá de um momento para outro, leva annos e annos a consummar-se; na vida dos povos não ha solução de continuidade, como a não ha nas evoluções da natureza; *Natura non facit saltum*. A festa do centenario foi um symptoma grandioso da revivescencia nacional; foi o revelador da intensidade e da força da transformação porque está

passando a nossa nacionalidade. O primeiro e o segundo centenários passaram despercebidos, porque o paiz estava abysmado na degradação monarchica e theocratica; o povo não lia Camões porque não o comprehendia; entre 1670 e 1702 não se reimprimiram os *Lusiadas* e durante o seculo xviii apenas se fizeram nove edições. No seculo actual já se contam mais de sessenta, o que prova o levantamento moral da nação; a festa commemorativa do tricentenario é a comprovação d'esta verdade e o symptoma mais evidente e positivo da rejuvenescencia de Portugal. O Brazil, esse povo irmão pelo sangue e pela lingua, essa nação americana que atravessa uma crise identica áquella que nós atravessamos, sentiu-se egualmente abalado e commovido ao pronunciar-se o nome de Camões e não se esqueceu de prestar ao grande épico as devidas homenagens no tricentessimo anniversario do seu fallecimento. O Brazil acompanhou Portugal n'esta esplendida e expansiva manifestação de enthusiasmo e de alegria, que tem a dupla significação de agradecimento pelo passado e de revivescencia no presente para a vida historica e para o progresso. Luiz de Camões ligava os dois povos pela tradição; agora liga-os tambem pela esperança.

O sr. dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, brasileiro distincto pela sua illustração e intelligencia, comprehendendo a alta significação do centenario, quiz prestar um tributo pessoal á memoria do poeta, que soube archivar n'um livro immorredouro a consciencia do povo navegador e arrojado, que além do Oceano fundou uma nova nacionalidade; parecera-lhe que uma bibliographia de tudo que dissesse respeito a Camões, que contivesse a vasta série de edições das suas obras, de traducções, de obras d'arte consagradas ao poeta ou por elle inspiradas, etc., seria um monumento de justiça levantado ao genio por occasião do seu tricentenario; para esse fim poz á disposição do sr. dr. Theophilo Braga todos os recursos necessarios, não só para que se realisasse este pensamento, mas para que se realisasse de um modo grandioso. Só em fins de janeiro d'este anno é que se resolveu a execução de trabalho tão difficil, e foi á custa de muitos esforços e de uma tenacidade inquebrantavel, tanto da parte do auctor, como do editor, que se conseguiu levar a effeito aquella ideia no curto espaço de quatro mezes e meio.

Felizmente o livro appareceu no dia do centenario e foi uma das maiores homenagens prestadas ao épico sublime. A edição, luxuosa e cuidada, saiu dos prélos do sr. Christovão Rodrigues, e consta de 325 exemplares numerados e assignados pelo auctor e editor, sendo os 25 primeiros em papel de linho (Whatman) e os mais em papel velino branco (Montgolfier).

A obra comprehende *Introdução* e cinco capitulos. Na Intro-

dução expõe o dr. Theophilo Braga as causas que impõem aos portuguezes o dever moral de commemorar o centenario de Camões e explica a significação d'esta festa da nossa nacionalidade. No capitulo I occupa-se das *Edições dos Lusíadas, Rimas e Autos* que se fizeram desde 1572 até ao presente, acompanhando algumas de commentarios e observações importantes; as edições dos *Lusíadas* mencionadas n'este capitulo chegam a 90, sendo só do seculo actual 63, incluindo seis em que viram a luz com as outras obras de Camões; no seculo passado houve cinco edições das obras completas e quatro dos *Lusíadas* em separado; é interessante o confronto. O capitulo II é consagrado aos *Commentarios, estudos criticos, obras litterarias e poeticas ácerca de Camões em Portugal*, dispostos pela ordem alphabetica dos nomes dos auctores, incluindo já alguns dos trabalhos feitos para o centenario. O capitulo III foi destinado para *As traducções dos Lusíadas e Rimas de Camões*, dispostas egualmente pelos nomes dos traductores. São mencionadas 63 traducções do poema completo, além de traducções de varios trechos dos *Lusíadas* e de sonetos, eglogas, canções, etc., sendo 15 em francez, 12 em castelhano, 8 em inglez, 7 em latim e em italiano, 6 em allemão, e 1 em polaco, russo, hungaro, sueco, dinamarquez, hebraico, hollandez e grego. *Monographias, criticas e obras litterarias estrangeiras ácerca de Camões* é o titulo do capitulo IV e comprehende perto de duzentos nomes de escriptores de todas as nações civilisadas. O capitulo V encerra a *Parte artistica, retratos, medalhas, estatuas, monumentos, operas, composições musicas*. Segue a este capitulo um *Additamento* de trabalhos publicados durante a impressão do volume.

Como não podia deixar de ser, n'esta obra não são mencionados muitos trabalhos ¹ sobre Camões e as suas obras, mas esta falta por fôrma alguma pôde diminuir o valor d'este monumento litterario. Foram grandes as difficuldades com que o auctor teve de lutar para no curto espaço de quatro mezes escrever e publicar um trabalho d'esta ordem, principalmente tendo ao mesmo tempo entre mãos muitos outros trabalhos de não menor responsabilidade e importancia. São dignos de louvor os esforços empre-

¹ Falta, por exemplo, o nome de M.^{me} Amable Tastu, que n'um volume de poesias traz sob o titulo de *La marinière* (de Luis Camoens) uma imitação das formosas voltas ao mote:

Irme quiero, madre,
 Á aquella galera,
 Con el marinero
 A ser marinera.

gados pelo dr. Theophilo Braga para levar a cabo a empresa, e a valiosissima coadjuvação do dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro para sair á luz esta glorificação do genio.

Felicitamos os nossos amigos e agradecemos o exemplar com que nos honraram.

TEIXEIRA BASTOS.

Aqui a deixamos transcripta :

Je veux me fier
A cette galère,
Et d'un marinier
Être marinière.

Il faut, ô ma mère!
Pour ne pas rester,
Que de te quitter
L'amour me requière!

Cet enfant altier
Me tient prisonnière,
Et d'un marinier
Me fait marinière.

Adieu donc la terre,
Pour ce pont flottant:
C'est là qu'il m'attend!...
Adieu donc, ma mère.

J'ai dû me plier
A sa vie entière:
Il est marinier
Je suis marinière.

Si dans sa colère
Gronde un vent jaloux,
Si l'onde en courroux
Franchit sa barrière

Tu viendras prier
Sous la croix de pierre,
Pour le marinier
Et la marinière.

No mesmo livro de versos sob o titulo de *La jeune fille* vem uma traducção de Gil Vicente:

Muy graciosa es la Doncella!
Como es hermosa y bella!